



# Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

**Produção**

Cândida Oliveira

**Design Gráfico**

Clara Macedo

Gabi Etinger

Liz Carvalhal

**Revisão**

Yuri Gagarin

Cândida Oliveira

**Coordenador de Pré-impressão**

Marcos Nascimento

**Gerente Editorial**

Jeferson Melo

**Colaboradores - Neste Número**

Clara Angélica (jornalista) • Val Santos (ativista social) • Adelvan Kenobi (escritor) • Guilherme Mannis (maestro) • João Augusto Gama (colaborador) • Brian Gentil (poeta) • Lilian Rocha (escritora) • Luciano Correia (jornalista) • Verônica Nunes (professora) • Maria Rosineide (professora) • Carlos Pinna de Assis (acadêmico/pesquisador)

## Cumbuca

**Ano VII | Número 25**

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020

**Governo do Estado de Sergipe****Governador**

Belivaldo Chagas Silva

**Secretário de Estado de Governo**

José Carlos Felizola Soares Filho

**Secretário de Estado da Comunicação**

José Sales Neto

**Serviços Gráficos de Sergipe****Diretor-Presidente**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

**Diretor Industrial**

Milton Alves

**Diretora Administrativa Financeiro**

Maria das Graças Souza Garcez

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

**Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.**

# carta ao leitor

Uma nova edição da revista Cumbuca chega ao leitor nesse final de 2019, muitos são os desafios, mas 2020 vem aí com nossa promessa de mantermos uma linha editorial pautada na cultura sergipana.

A Cumbuca 25 apresenta 'a beleza do jardim botânico' de Marcel Nauer. O texto de Clara Angélica é um passeio ao que há de mais admirável na natureza. Ilma Fontes lançou a autobiografia 'Tempo bom, tempo ruim' e Lilian Rocha a homenageia com uma descrição impecável.

'Tabaréus danados de bons' por Luciano Correia fala da produção literária apresentando experientes e novos escritores da cidade de Itabaiana. A Biblioteca Pública Epiphânio Dória passou por ampla reforma e é tema do texto de Maria Roseneide Santana. Inaugurada em 1974, o espaço guarda a história de Sergipe.

Val Santos destaca o 'MST: Atividade Artística espaço de socialização'. O 'Blues sergipano' de Adelman Kenobi apresenta os principais expoentes do gênero em Sergipe. Até a década de 1990 não se tem notícia de nenhum nome de relevância que tenha assumido para si a tarefa de tocar blues.

'Os quatro continentes: pintura jesuítica na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro', de Verônica Nunes chama a atenção para a pintura do forro da igreja, possivelmente é exemplar único em Sergipe nas edificações religiosas do século XVIII.

A Orquestra Sinfônica de Sergipe como incentivadora da produção musical estadual, desafios e soluções é a abordagem do texto do maestro Guilherme Mannis. 'Memórias da resistência', o livro de Jorge Carvalho do Nascimento é tema do artigo de João Augusto Gama. A obra recupera a história do MDB, depois PMDB, desde sua fundação em 1965.

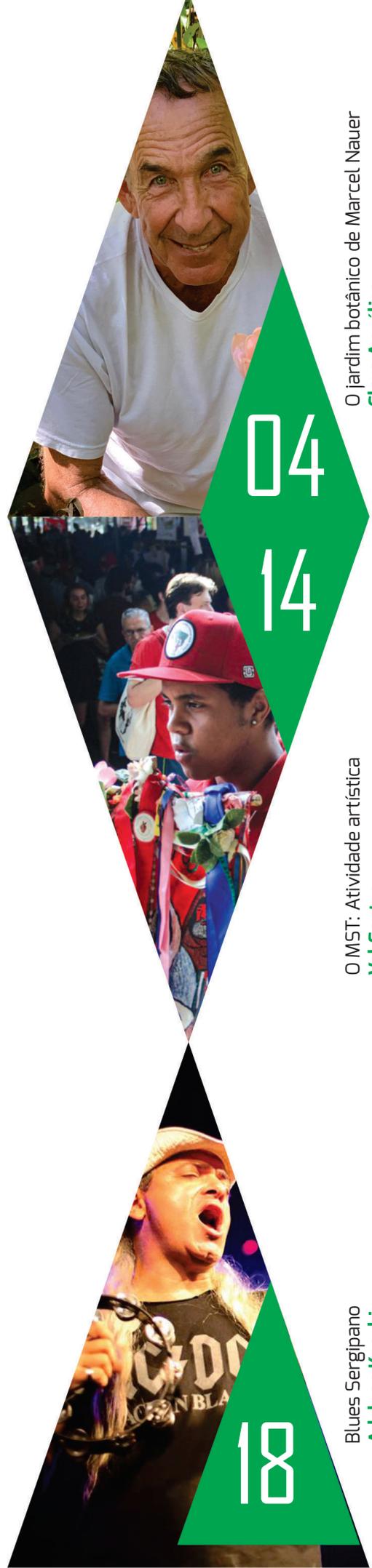
'A formação de Sergipe' texto de Carlos Pinna de Assis conta como o Barão de Maruim foi um homem-símbolo para a vida econômica, política e social de Sergipe.

Boas festas!

Amaral Cavalcante -Editor



Capa:  
Adilson Lima



O jardim botânico de Marcel Nauer  
Clara Angélica

O MST: Atividade artística  
Val Santos

Blues Sergipano  
Adelman Kenobi

26



A Orquestra Sinfônica de Sergipe como incentivadora da produção musical estadual: desafios e soluções.

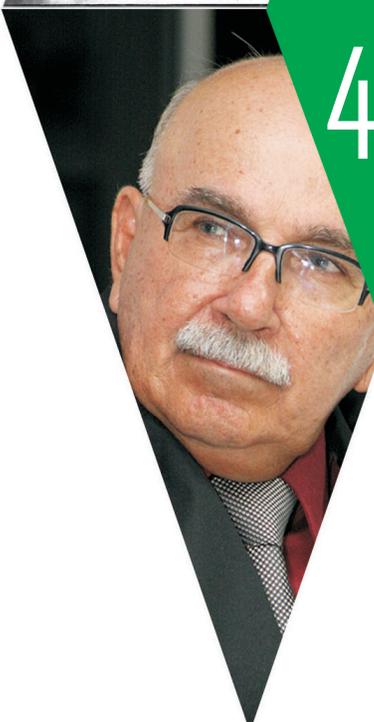
**Guilherme Mannis**

36



Ilma Fontes: "Tempo bom, tempo ruim."  
**Lilian Rocha**

40



Tabaréus danados de bons  
**Luciano Correia**

MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA

Jorge Carvalho do Nascimento

Memórias da Resistência  
**João Augusto Gama**

30



32



Poesias  
**Brian Gentil**

46



Os Quatro Continentes: pintura jesuítica na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro centenário de um contador de história  
**Verônica Nunes**

A lush garden scene featuring a waterfall cascading over rocks into a pool of water. The garden is filled with various plants, including large green leaves, ferns, and hanging plants with small red flowers. The background shows a wooden structure, possibly a house or a shed, partially obscured by the foliage.

# O Jardim Botânico de Marcel Nauer

**Clara Angélica Porto**

“Foi um sonho de adolescente, um jardim botânico” conta Marcel Nauer, o suíço de Aracaju. O avô foi paisagista, trabalhava em um castelo no sul da Alemanha. O avô também desenhava. O pequeno Marcel tinha 8 anos quando o avô morreu, mas já havia deixado plantada a semente na criança. Havia 4 jardins botânicos em Zurique que ele gostava de visitar. “A natureza é fascinante”, diz Marcel com os olhos cheios de sol olhando longe: “É como se fosse um vício para mim”.

Mas como esse suíço chegou a Sergipe? Tudo começou quando em 1972 foi a Bahia passear e conheceu Neusa de Souza Bonfim, de Aracaju. O fotógrafo suíço Marcel Nauer ficou impressionado com aquela moça negra, alta e magra, de porte majestoso. Voltou em 73, já direto para Aracaju, para vê-la. Voltou em 74. De novo em 75. Em 76, voltou, casou e levou Neusa para a Suíça. Lá tiveram Christine, a única filha. Neusa não se adaptava e adoecia constantemente, um banzo que a



consumia. A conselho médico, voltaram para o Brasil e para Aracaju.

Marcel Nauer era técnico gráfico formado no melhor laboratório de montagem, o que hoje se faz no computador. Tinha a fotografia como passatempo, estudou 4 anos. Mas era a natureza que o tempo todo ficava lá no fundo da cabeça. O sonho da juventude, de um dia morar num país tropical, estava começando a se realizar. Encontrou muitos amigos no Brasil, “um povo aberto que em cinco minutos quase vira um parente”. Marcel foi ser o fotógrafo do recém construído Centro de Criatividade.

Comprou a terra em Caípe Velho, São Cristóvão, em 1980, sem ver, através de familiares de Neusa. Depois comprou

mais e aumentou cerca de 10 hectares, mais de 30 tarefas. Limpou a terra e em 1982 começou a plantar, quando veio morar em Aracaju, há 37 anos atrás, tinha 36 anos.

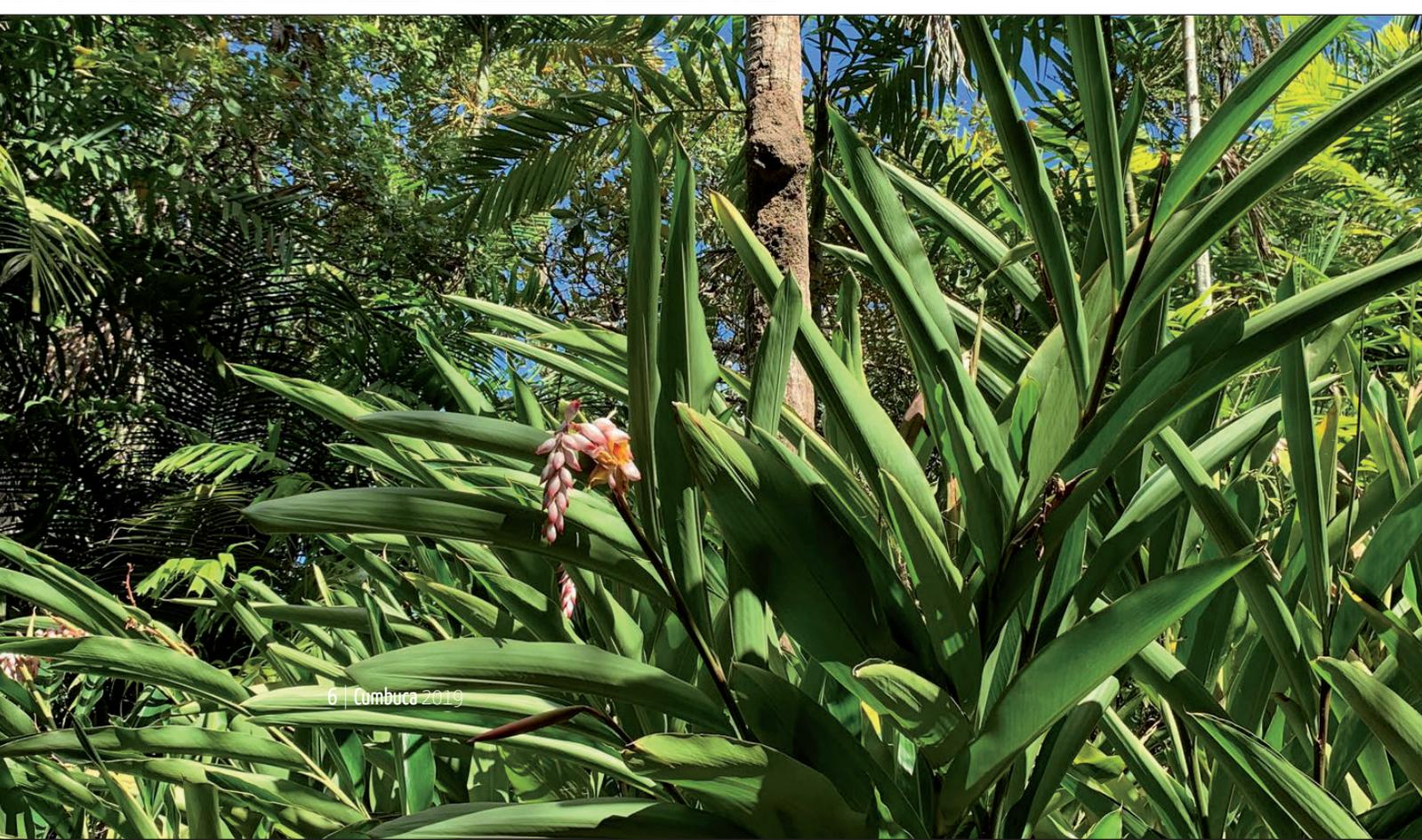
O jardim tem áreas úmidas, aquáticas, ensolaradas, sombreadas e jardins de suculentas. Tudo é plantado de sementes ou pequenas mudas. No início, só havia coqueiros, mangueiras, cajueiros e Mata Atlântica nativa. “Eu e os morcegos trazemos as sementes”, diz Marcel, sempre sorrindo, em português fluente, com um sotaque carregado de suíço-alemão. E muitas sementes exóticas começaram a chegar, cinco tipos de baobás, mais de 500 tipos de palmeiras nativas e exóticas, algumas já cultivadas no Brasil, como a palmeira imperial, que é nativa da Venezuela e do Caribe.

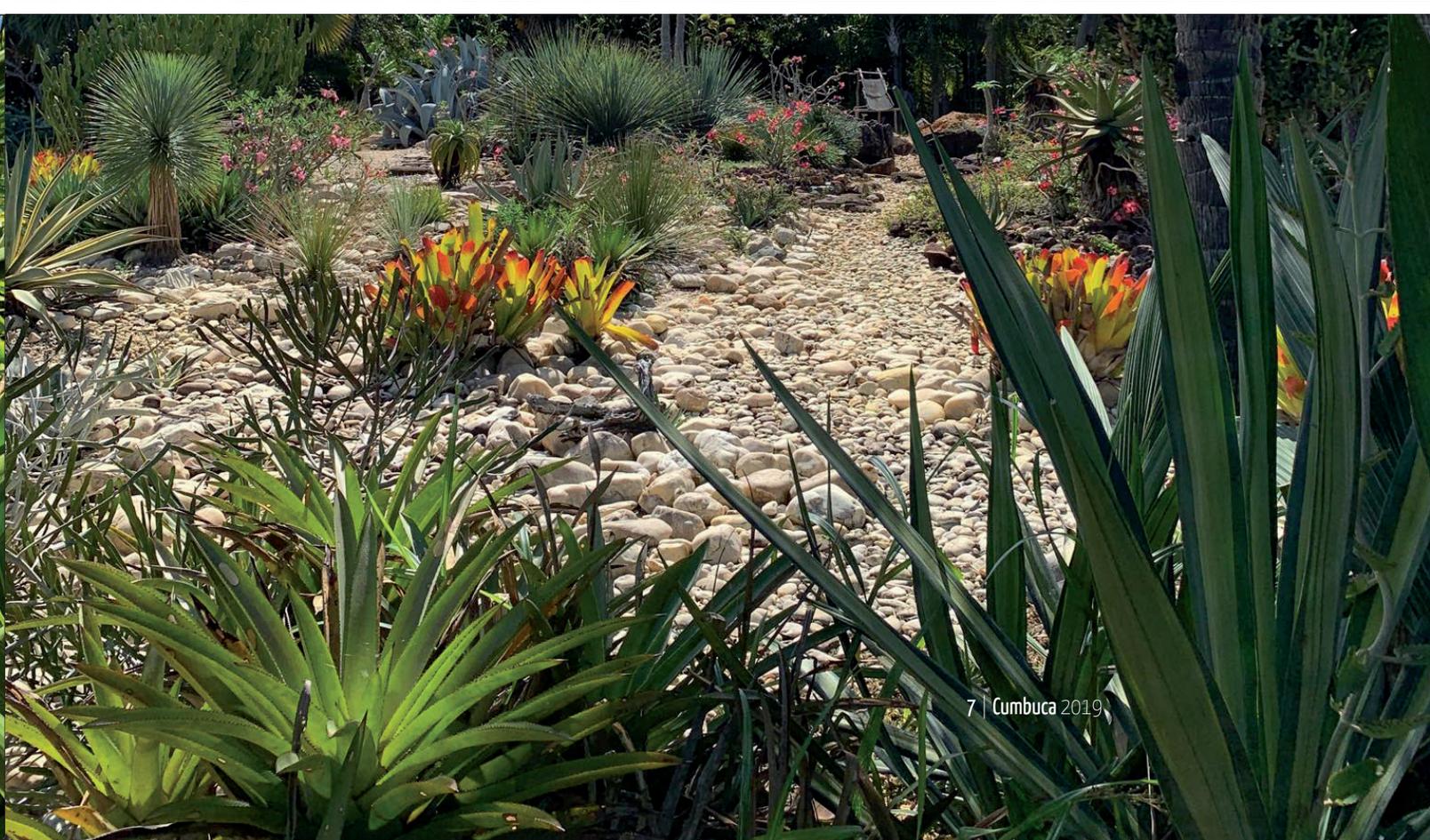


“Tenho exóticas de todo o planeta, mas ainda falta muito”, diz Marcel. O jardim tem exóticas da Ásia, da África, da Austrália, plantas aquáticas. Existem plantas de 30 a 40 metros de altura, plantas da nascente do rio São Francisco, da nascente do rio Amazonas. Marcel faz intercâmbio com outros produtores e amantes de plantas do país e trocam informações e sementes. O cipó rabo de arara, que leva 9 meses para germinar, é o único em Sergipe com frutos.

“A vida é tudo isso. Tem que ser louco, uma loucura saudável. Imaginar quanta coisa existe e que a gente nem conhece.”

Saiu pegando sementes por onde andava e andando para pegar sementes. Muitas vezes, pegou a fruta, tirou as sementes e plantou. O resultado viria de meses a anos, a depender da espécie. Algumas palmeiras levaram até 10 anos para germinar. Os baobás germinam rápido, mas dependendo da espécie, podem levar até 100 anos para crescer: “tenho alguns assim, que só meus netos irão um dia ver”.











Marcel Nauer

O jardim é irrigado, para os meses de pouca chuva. Os jardins de pedras, rochas e suculentas são lindos, quase mágicos. Cada pedra, cada rocha, tudo foi trazido de lugares diferentes do estado e do país, em carroças, caminhões, de todo jeito possível. Flores gostam de outras flores, de água e de sol e amam ser amadas pelo cuidador. Os jardins de pedras e suculentas do Jardim Botânico de Marcel Nauer emanam a beleza do cuidado e zelo do dia a dia com o qual se acostumaram desde o primeiro contato da semente com a terra.

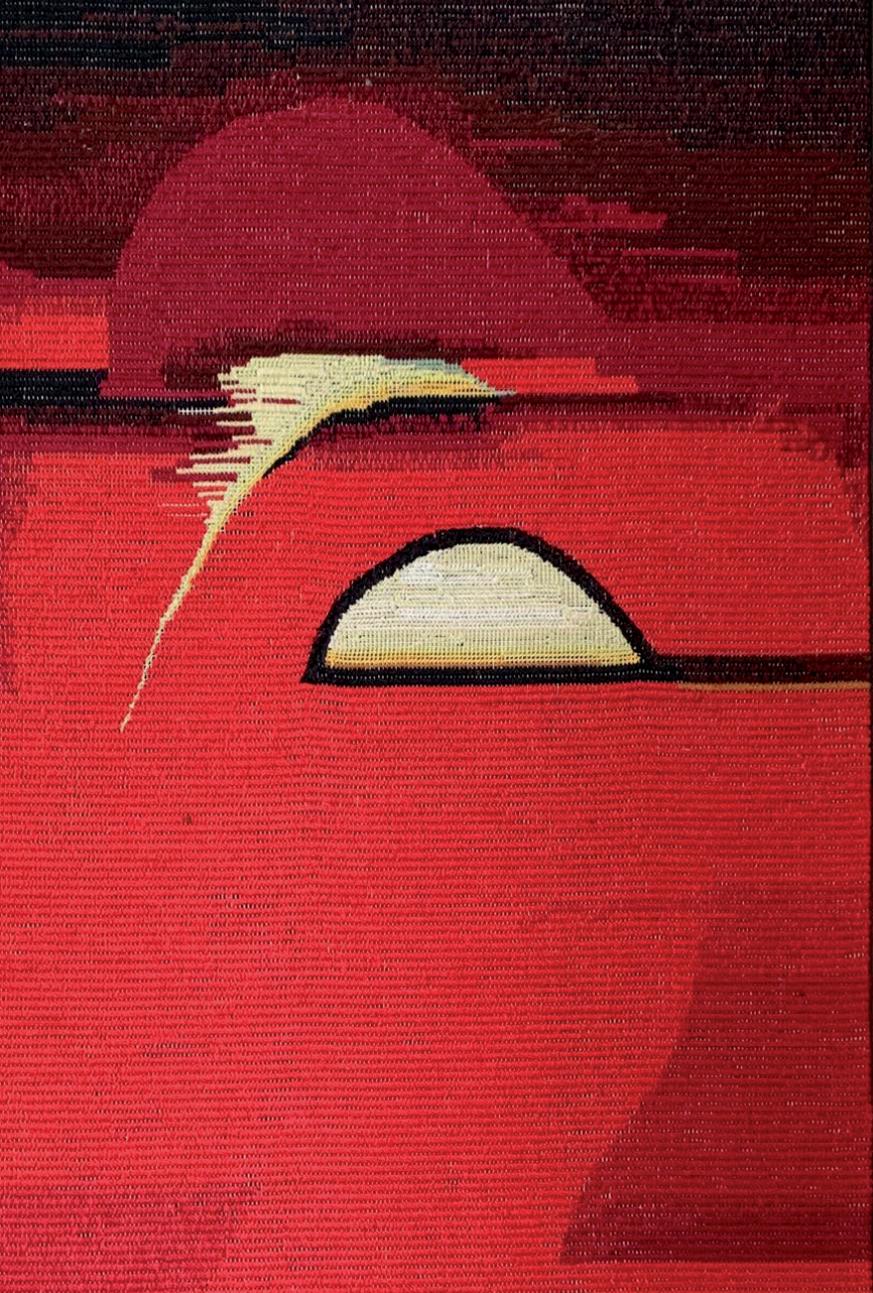
Toda essa teimosia e dedicação, toda essa perseverança, deram de presente a Sergipe o seu primeiro e, por enquanto único, jardim botânico. O jardim é particular, sem acesso público. Mas Marcel Nauer é extremamente generoso. Um telefonema do amigo da amiga é suficiente para que ele abra as portas do jardim para curiosos e pequenos grupos. Sempre aos domingos, quando chega lá de manhãzinha e passa o dia ocupado, andando por todos os lados, plantando, fazendo mudas, irrigando, vendo o que precisa de quê. Qual a planta que pede socorro e qual tipo de socorro. Quem está com cara de que quer adubo, mais sombra, mais água fresca. O adubo é produzido no próprio jardim. Galhos secos de palmeiras e de todas as árvores e plantas são empilhados para se transformarem em adubos. São muitas as receitas, tudo





orgânico e produzido ali mesmo. Com a ajuda de Domingos, um local que o acompanha há anos, Marcel trabalha o dia inteiro. Existem dezenas de fileiras de mudas, que serão plantadas ali mesmo e que terão outro destino. Há dois anos, Marcel foi contratado pelo Hotel Fazenda Boa Luz para fazer um jardim botânico lá. Vai dois dias por semana e já plantou muita coisa. Acredita que em mais 2 anos, a Boa Luz terá um jardim botânico lindo para apresentar.



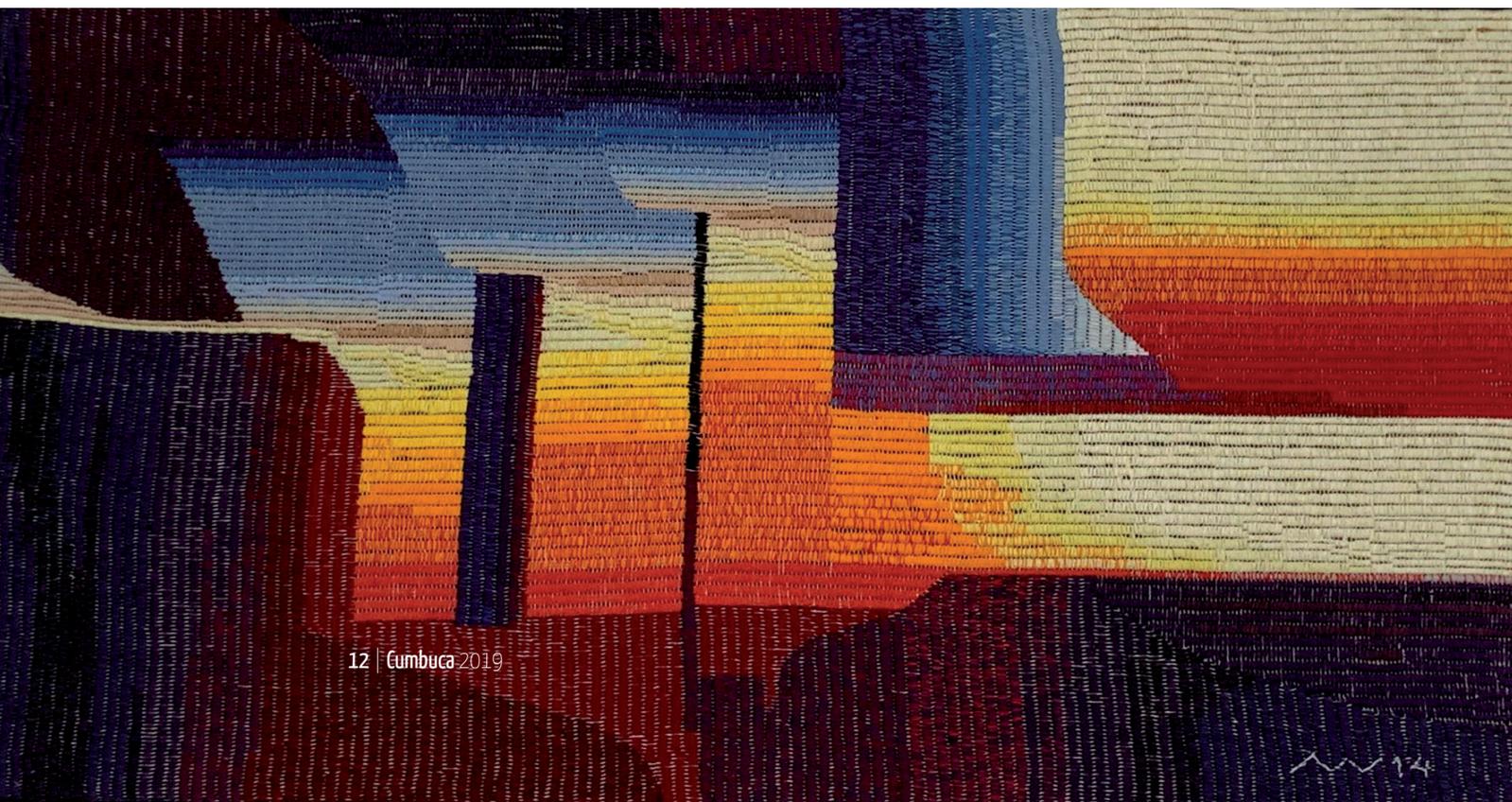


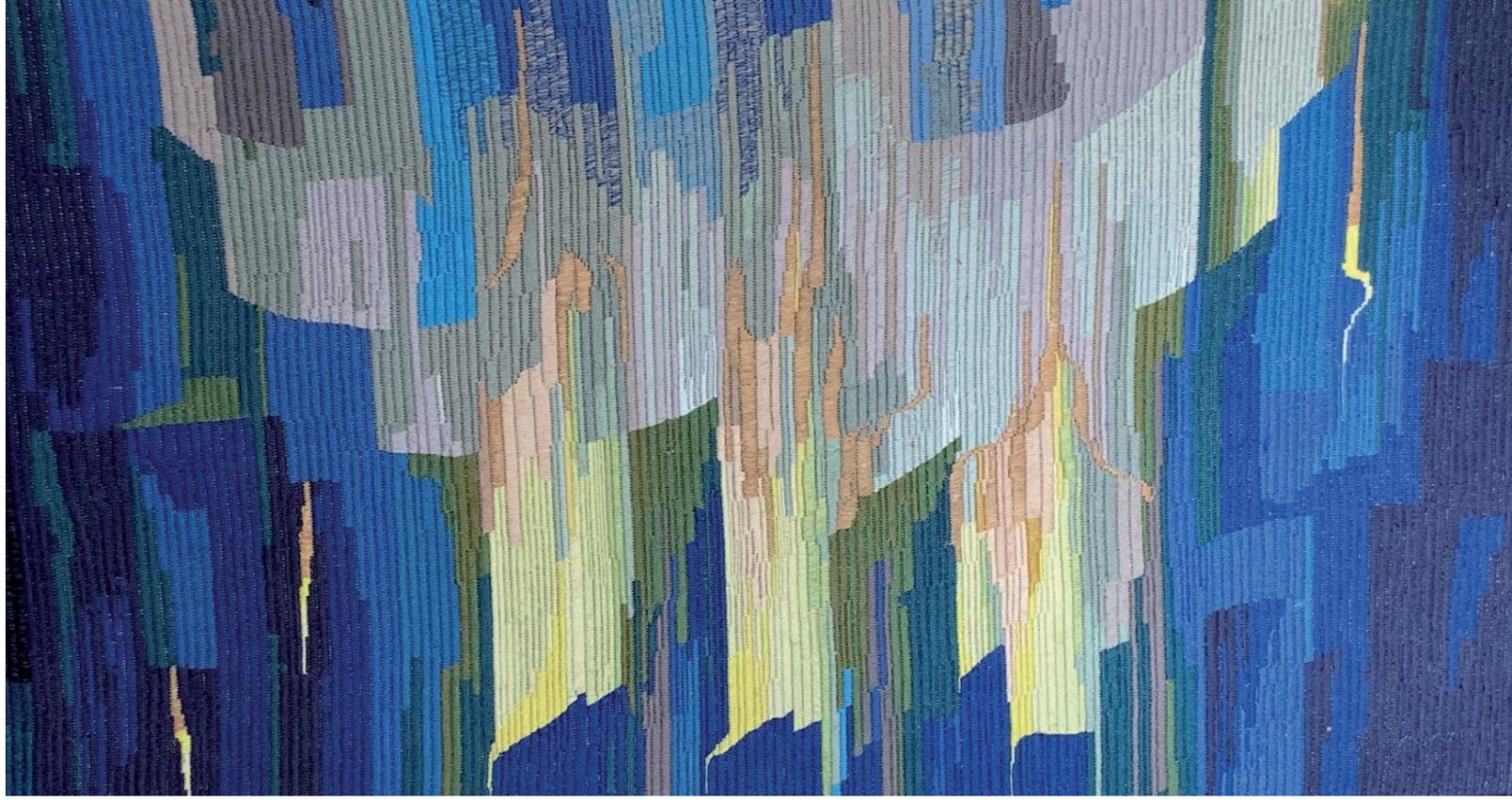
A fotografia foi ficando para trás. O mundo digital não o conquistou. Ao ficar viúvo, Marcel passou a ocupar as longas noites de inverno com tapeçaria, uma nova mania. E de ponto em ponto já são dezenas de quadros de tapeçaria, verdadeiras pinturas — o artista se reinventa na arte. E só a arte para apaziguar saudades, para se compor e recompor, junto com a natureza.

Na casa de Aracaju, no Inácio Barbosa, o jardim é lindo. Aí, de novo, revela-se o gosto do artista da natureza pelas pedras, com pequenas pontes, um pequeno riacho, tudo feito à mão, cada pedra trazida de longe. E é ali que ele cultiva as plantas carnívoras, que não sobreviveriam no jardim botânico do Caípe Velho, pois não sobrevivem na terra.

Marcel Nauer é um ser humano que inspira. A simplicidade absoluta é, em verdade, a grande sofisticação desse artista da natureza. O Jardim Botânico de Caípe Velho é um dos locais mais bonitos de Sergipe; beleza de Deus, arrumada por um homem com alma de menino. **C**

**Tapeçarias criadas por Marcel Nauer**





# O MST : Atividades artísticas

Val Santos



O MST, por sua natureza, é um movimento de massa, carrega em si diferenças na sua forma de organização, nos hábitos, jeitos e métodos. A cultura do MST, não só o diferencia como grupo de pessoas organizadas, mas também mostra a identidade de ser Sem Terra. A cultura, a identidade e a memória são os tripés de uma história que vem sendo escrita há 35 anos. Cultivamos a memória, a tradição de nossos antepassados na construção de nosso futuro, através de mediações simbólicas, como as canções, as danças e as histórias.

No trabalho do campo, a cultura assume formas como as das festas da colheita, da partilha da produção coletiva, lendas

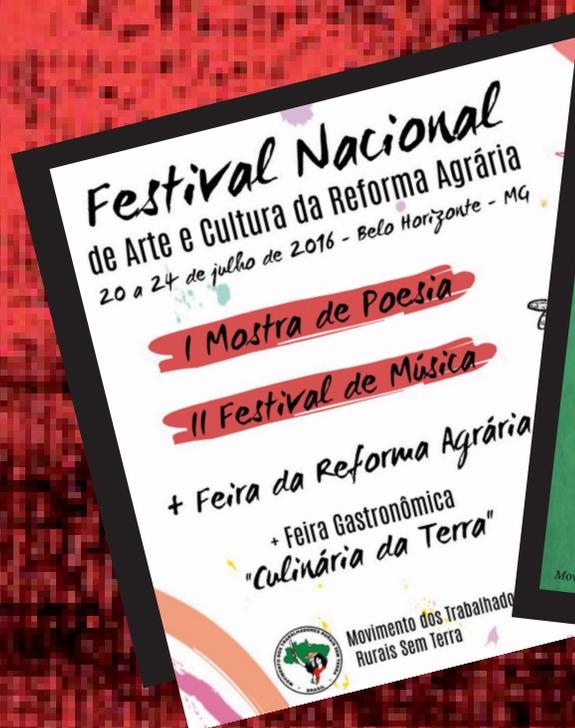
sobre os alimentos, histórias e causos. As feiras também se tornam parte dessa cultura camponesa como espaço de socialização e troca da produção e das manifestações populares: catira, côco, pífanos, repentistas, reisados, pastoril e trio de forró pé de serra.

As produções simbólicas cultivadas e criadas pelos próprios agricultores para representarem sua vida, sua cultura, seu imaginário, seus valores, são os fundamentos da cultura popular, de uma produção cultural ligada à vida e os valores do povo, desde o trabalho e todos os diversos elementos das produções de vida no campo.

Não é possível falar em cultura dentro do MST sem falar em mística, pois as duas estão de tal forma entrelaçadas que se confundem. A palavra vem de mistério, como definida pelo MST: A mística para os Sem Terras é mais do que uma palavra ou um conceito. É uma condição de vida

que se estrutura através das relações entre as pessoas e as coisas no mundo material. Entre ideias e utopia no mundo ideal. (MST, 2001, p. 227)

No MST a mística que se traduz no coletivo, nos acampamentos e assentamentos, nas reuniões, encontros, marchas, seminários, enfim, nos espaços em que o MST esteja presente através de seu povo. A Cultura Sem Terra também é permeada pelas cores floridas dos panos de chita,





o brilho da lona preta, chapéus de palha, peneiras, ferramentas de trabalho, balaies com frutas e produtos da agricultura familiar; de símbolos como a bandeira, poemas, músicas e danças que trazem como tema, fraternidade do trabalho, das histórias de resistência, da solidariedade, do respeito ao outro e toda a forma de vida.

O projeto de reforma agrária popular pressupõe que os camponeses e camponesas que produzem arte, que supera a divisão social do trabalho e possam ter



um pleno desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, transformando momentos culturais em elemento de luta contra o capitalismo: “Como projeto cultural, o desafio da reforma agrária popular é eliminar a sociabilidade burguesa, a propriedade privada e construir as condições para a emancipação humana” (MST 2018, p. 20).

Todos esses processos se consolidam em momentos de formação em nossos festivais de músicas e poemas, escolas de artes, as feiras da reforma agrária, as nossas noites culturais, nas marchas, ocupações. Arte é uma das principais ferramentas de luta do Movimento Sem Terra. **C**



# BLUES SERGIPIANO

**Adelvan Kenobi**

O Blues é um gênero musical eminentemente norte-americano. Sua origem remonta o fim do século XIX e é fruto de uma mistura entre raízes das tradições musicais africanas: “spirituals”, um tipo de música gospel negra, sempre acompanhada de palmas e movimentos corporais; canções de trabalho, criadas pra distrair durante a dura rotina da labuta diária, e cantos folclóricos. Entoadada quase sempre em tom de lamento, caracteriza-se pelo padrão de chamada e resposta e por progressões de acordes específicos. Projetou-se mundialmente na década de 1950, ao migrar para a área urbana de Chicago, principalmente, e ser elêtrificado. Influenciou decisivamente na gênese e no posterior desenvolvimento do rock and roll, com a chamada “invasão britânica”.

No Brasil os principais expoentes do gênero são Blues Etlícos, André Christovam e Celso Blues Boy (já falecido).

Em Sergipe, até a década de 1990, não se tem notícia de nenhum nome de relevância

que tenha assumido para si a tarefa de tocar blues — o estilo era diluído no repertório de músicos de bar e bandas de rock and roll, sem grande destaque. Algumas, inclusive, o ostentavam no nome, como a Passos Blues Band e a Shaman's Blues. Eram, no entanto, bandas de rock.

Tudo mudou com a chegada da Angelus Novus, em 1995. Foi formada pelo guitarrista e compositor Gilberto Monte, com Beto “Hendrix” na segunda guitarra, Dinho Dog no baixo e Carlinhos na gaita. Completavam a formação os irmãos Fabio (vocal) e Rafael (bateria), da então recém criada Snooze — foi a primeira incursão musical deles fora dos domínios do rock. Fabinho era o caçula da turma, tinha apenas 16 anos, e sequer bebia álcool — levava para os shows uma garrafa térmica com chá para encarar a responsabilidade de ser um frontman tão jovem. A Angelus Novus foi uma grande novidade para a cidade na época e atraía pequenas multidões para suas apresentações, quase sempre no Tequila Café e no Capitão



Cook. Tocavam basicamente “Standards” e clássicos de nomes consagrados do gênero, mas tinham também algumas poucas composições próprias. Chegaram a se apresentar uma vez em Lagarto, na “Rinhã de Zezé Rocha”, com Snooze e Maria Scombona. Detalhe: Rafael Jr. era o baterista das três bandas! Shows de rock — e blues — no interior eram raridade. Ainda são, na verdade...

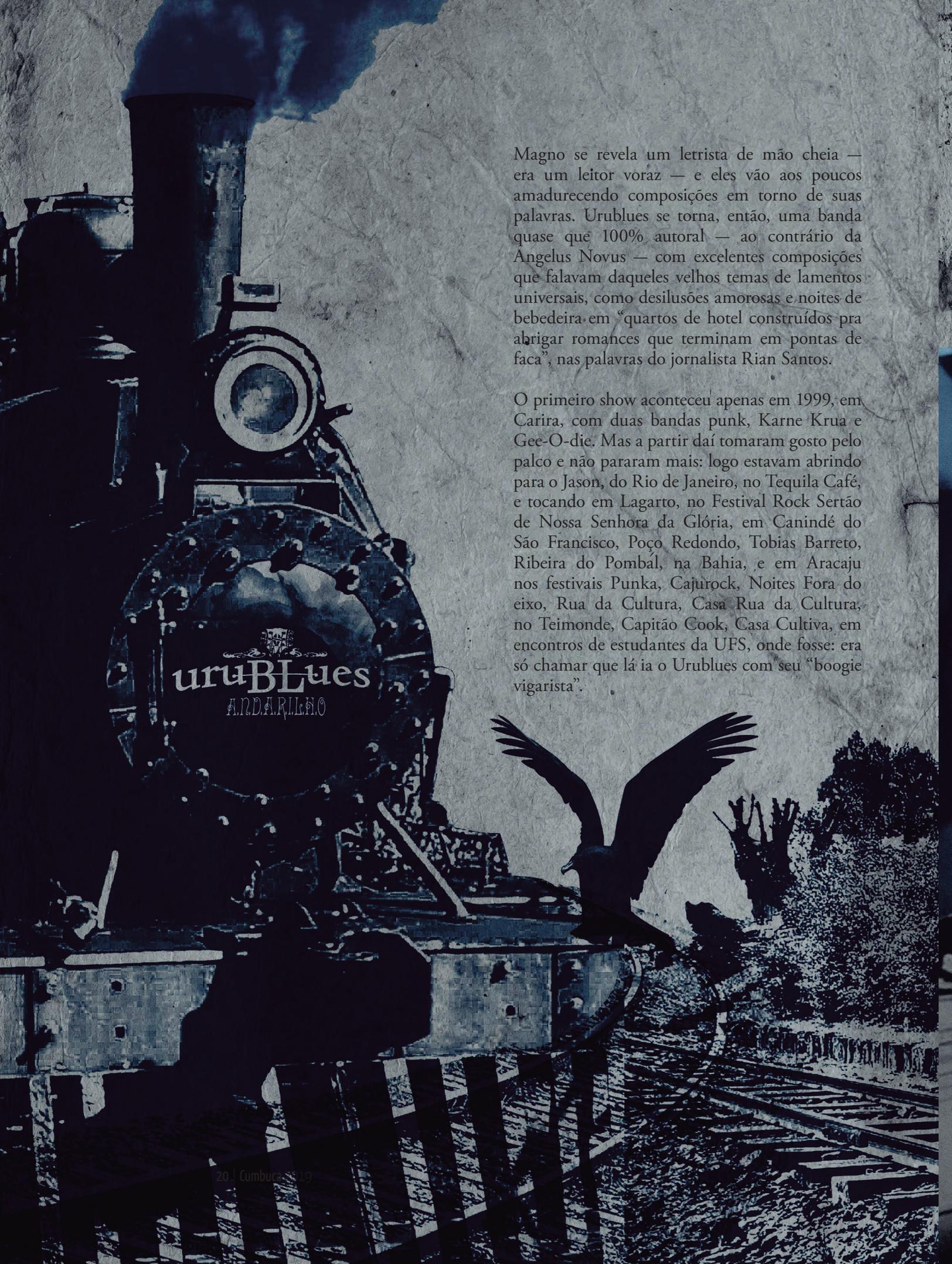
Por volta de 1998 Gilberto Monte se mudou para Salvador, onde hoje é um produtor musical requisitado, e a banda continuou por algum tempo com um novo nome, Little Red Rooster, até encerrar definitivamente as atividades. O que poucos sabiam é que no interior do estado, em Itabaiana, um grupo de amigos já algum tempo se reunia em torno de Ferdinando, um virtuoso guitarrista autodidata, para tocar blues.

Em 1993, na capital do agreste sergipano, Carlos Magno, um fã dos Smiths, misantropo e recluso, havia comprado uma guitarra para montar uma banda de rock de garagem, mas acabou se dando melhor como baterista. Vendeu-a a um amigo, Ferdinando. Todos se impressionaram com a rapidez e a facilidade com que

Ferdinando aprendeu a tocar. Como a banda de rock não tinha dado muito certo, juntaram-se ao baixista Fabio e decidiram se dedicar a uma outra paixão em comum, o blues. Nascia a Urublues, que ficou muito tempo apenas ensaiando e aprendendo a tocar covers.

X Em Sergipe, até a década de 1990, não se tem notícia de nenhum nome de relevância que tenha assumido para si a tarefa de tocar blues — o estilo era diluído no repertório de músicos de bar e bandas de rock and roll, sem grande destaque. X





Magno se revela um letrista de mão cheia — era um leitor voraz — e eles vão aos poucos amadurecendo composições em torno de suas palavras. Urublues se torna, então, uma banda quase que 100% autoral — ao contrário da Angelus Novus — com excelentes composições que falavam daqueles velhos temas de lamentos universais, como desilusões amorosas e noites de bebedeira em “quartos de hotel construídos pra abrigar romances que terminam em pontas de faca”, nas palavras do jornalista Rian Santos.

O primeiro show aconteceu apenas em 1999, em Carira, com duas bandas punk, Karne Krua e Gee-O-die. Mas a partir daí tomaram gosto pelo palco e não pararam mais: logo estavam abrindo para o Jason, do Rio de Janeiro, no Tequila Café, e tocando em Lagarto, no Festival Rock Sertão de Nossa Senhora da Glória, em Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Tobias Barreto, Ribeira do Pombal, na Bahia, e em Aracaju nos festivais Punka, Cajurock, Noites Fora do eixo, Rua da Cultura, Casa Rua da Cultura, no Teimonde, Capitão Cook, Casa Cultiva, em encontros de estudantes da UFS, onde fosse: era só chamar que lá ia o Urublues com seu “boogie vigarista”.



A primeira gravação “demo” (de demonstração) foi o registro caseiro de um ensaio lançado em CD-R sob o nome “Na estrada do sol”. A segunda, “Andarilho”, lançada em 27 de fevereiro de 2010 num show antológico no Capitão Cook, foi mais caprichada, contando inclusive com a participação de Leo Airplane, um dos músicos e produtores mais requisitados da cidade, na faixa “Migalhas”. A formação, durante esses mais de 20 anos de atividade, contou sempre com Ferdinando na guitarra e voz e Fabio Santana no baixo, com os bateristas Magno, Marcio, “Pitoco” e Davi, além dos gaitistas Igor Cortes e Mateus Santana. No início da década de 2010 a banda se separou e Ferdinando engatou uma carreira solo, Ferdinando Blues Trio. Voltaram agora em 2019, depois de um hiato de aproximadamente 4 anos, com o baterista Junior Giorgio. Estão compondo músicas novas e pretendem voltar aos palcos apenas quando tiverem um álbum pronto.

✕ A primeira gravação “demo” (do Urublues) foi o registro caseiro de um ensaio lançado em CD-R sob o nome “Na estrada do sol”. A segunda, “Andarilho”, lançada em 27 de fevereiro de 2010 num show antológico no Capitão Cook, foi mais caprichada, contando inclusive com a participação de Leo Airplane, um dos músicos e produtores mais requisitados da cidade, na faixa “Migalhas”.



A outra grande banda de blues sergipana é a Máquina Blues, capitaneada por Silvio Campos, veterano cantor, compositor e guitarrista de infinitas bandas de rock, e Melciades, guitarrista, filho do célebre arquiteto e artista plástico itabaianense de mesmo nome. Silvio é mais conhecido da cena punk local, principalmente por ter sido um dos fundadores da mais importante banda de rock do estado, a Carne Krua. Mas sempre teve vontade de tocar e cantar blues. Seu primeiro projeto nesta seara foi a WRS e as Mulheres invisíveis, com Robson “Macaxeira” (hoje no Ferraro Trio) e Wendell Miranda (ex-guitarrista da Carne Krua). Faziam um som basicamente

acústico e tocavam em bares. Chegaram a se apresentar em Salvador, mas teve vida curta, pois Wendell se mudou para São Paulo.

A Máquina começou a funcionar pra valer quando Silvio encontrou um fiel escudeiro, Melciades, que era cliente de sua loja de discos. Montaram a Máquina Blues no ano 2000, com Paulo Antônio no baixo e Adriano Tavares na bateria. A exemplo da Urublues, com um repertório quase que 100% autoral; Silvio se revelou um excelente compositor do estilo, o que foi uma surpresa pra muita gente, já que todos os seus projetos, até aquele

Foto: Divulgação

Silvio Campos





Foto: Divulgação

# MÁQUINA BLUES

momento, giravam em torno do rock pesado, principalmente o punk Hard Core. É também um grande intérprete, com uma entrega impressionante no palco e vocais viscerais movidos a conhaque e com um orgulhoso sotaque nordestino.

A Máquina nunca parou e segue funcionando a todo vapor, tocando bastante pelas noites sergipanas, especialmente em pubs e barzinhos, mas também em alguns

palcos públicos e festivais, como os extintos Rua da Cultura e Zons. Nestes quase 20 anos de existência lançaram apenas um EP “demo”, em CD-R, em 2003, e um álbum em CD “oficial” — industrializado, “de fábrica” — totalmente independente no ano passado (2018). Chama-se “Um blues pra elas” e pode ser adquirido em formato físico em Aracaju na Rua Santa Luzia, 151, no centro, ou ouvido “na nuvem” em [deezer.com](https://www.deezer.com).



The Baggios The Baggios

Em 2009 esta incipiente, porém orgulhosa, “cena” de blues sergipano ganhou um importante reforço quando a Aperipê FM colocou no ar um programa dedicado exclusivamente ao gênero, o “Encruzilhada”. Produzido e apresentado por Isabela Raposo, ia ao ar aos domingos das 22h à meia-noite e fez história, transmitindo, inclusive, apresentações ao vivo, direto dos estúdios, das bandas locais. O programa promoveu também algumas concorridas festas de aniversário – em uma delas a Máquina lançou um EP virtual, “Esse blues triste”.

Não podemos deixar de mencionar, também, The Baggios, que apesar de

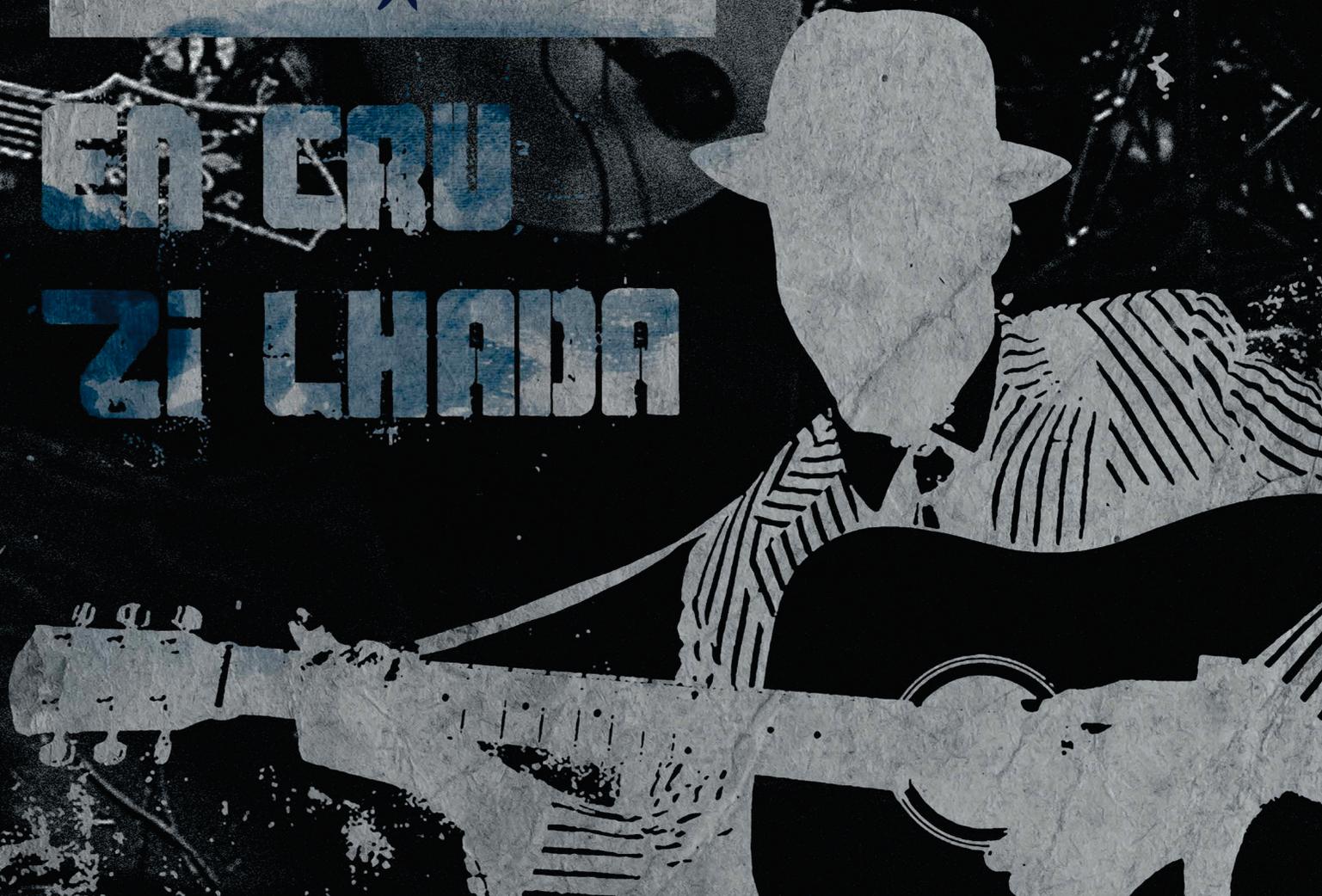
não ser exatamente uma banda de blues é fortemente influenciada pelo estilo e tem hoje uma grande projeção no meio independente nacional, aventurando-se, inclusive, em algumas turnês internacionais, na Europa e no México. Foram indicados ao Grammy latino pelo álbum “Brutown”.

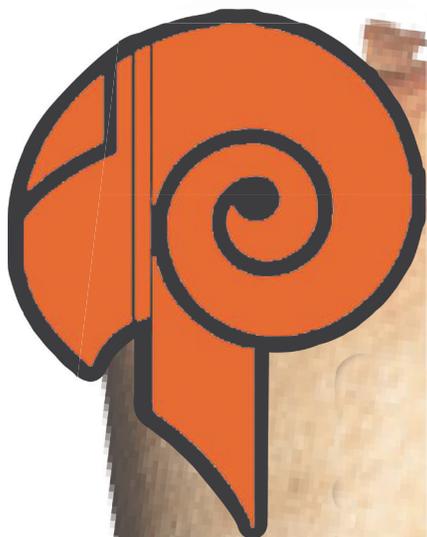
Além da Máquina e do Urublues foram formados alguns projetos esporádicos, como o Double Trouble, dupla que reunia Julico, da The Baggios, e Little Mel, da Máquina Blues. Mais recentemente, Silvio Campos, o incansável, tem se dedicado a uma nova empreitada, a “Dry Blues”, com Max no baixo, Matheus na bateria e Julio na guitarra. 

x Em 2009 esta incipiente, porém orgulhosa, "cena" de blues sergipano ganhou um importante reforço quando a Aperipê FM colocou no ar um programa dedicado exclusivamente ao gênero, o "Encruzilhada". Produzido e apresentado por Isabela Raposo, ia ao ar aos domingos das 22h à meia-noite e fez história, transmitindo, inclusive, apresentações ao vivo, direto dos estúdios, das bandas locais.

x

# EN CRU ZILHADA





## Orquestra Sinfônica de Sergipe como incentivadora da produção musical estadual: desafios e soluções

**Guilherme Mannis**

Escolha do repertório e busca de soluções por meio de parcerias tem propiciado maior identidade do grupo com a população, maior interesse e aumento de público.

Uma orquestra voltada à sua sociedade, focada em interpretar não só os cânones da música sinfônica tradicional, mas aberta a novos repertórios e sobretudo à produção local: assim podemos definir os direcionamentos artísticos da Orquestra Sinfônica de Sergipe, observando-se a programação de suas últimas temporadas. O grupo, instituído em 1985, passou por diversas fases, inclusive por períodos de inatividade; no entanto, a partir de importantes iniciativas constituídas ao longo dos últimos 15 anos, a Orquestra passou a ter uma atividade regular e concertos periódicos, tanto no Teatro Tobias Barreto, sua sede, quanto em outros teatros da capital, cidades do interior, igrejas e parques.

Não se pode, contudo, creditar o sucesso da Orsse apenas à sua política de popularização de acesso aos concertos: adoção da entrada franca ou ingressos a preços acessíveis em todos os eventos, além da realização de apresentações específicas para crianças de escolas públicas e plateias juvenis, competentemente apoiada

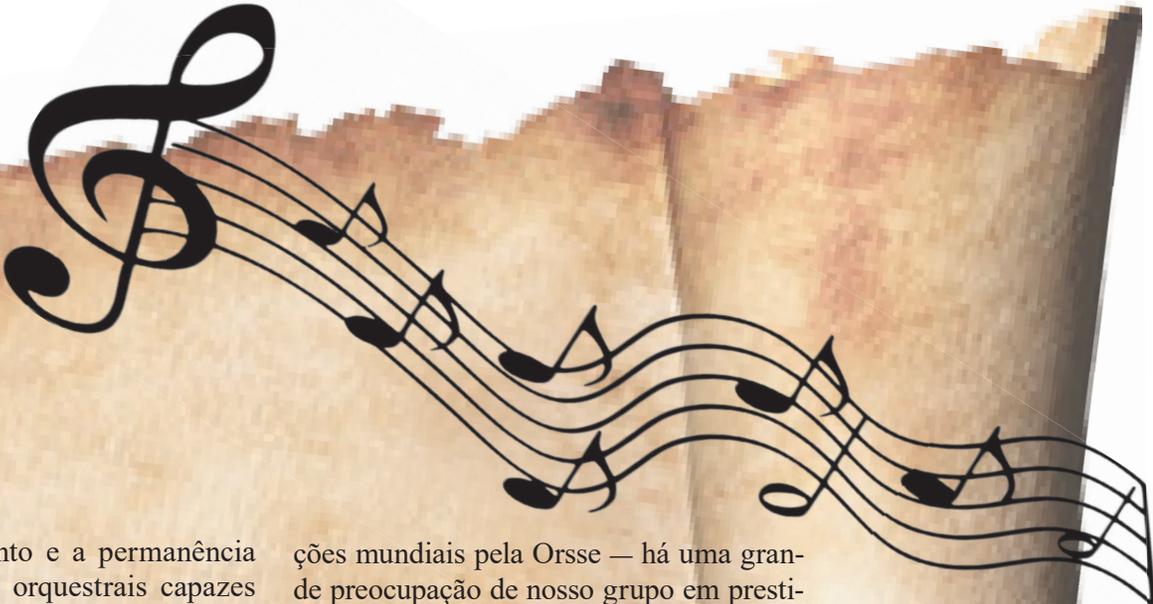
pelo Governo de Sergipe e pela Fundação de Cultura e Arte Aperipê, mantenedores do grupo. A busca incessante pela interlocução com a produção artística da sociedade local tem propiciado ao sergipano maior identificação com sua orquestra, trazendo ao grupo importante reconhecimento de setores relevantes da cadeia produtiva da cultura do Estado.

Como se dá esta interlocução? Dois fatores que envolvem a vida artística local são por nós considerados determinantes: a escolha da temática “Sergipe” para a produção de novas obras orquestrais e a busca de parcerias com importantes artistas da terra para a concepção de novas apresentações. Explicaremos aqui cada um destes pontos.

Sergipe é um dos estados brasileiros que até pouco tempo não possuía um curso universitário de música—e até hoje não oferece formação completa para compositores: não há um curso específico nesta área. Pode-se dizer que a tradição da música erudita no estado e a inexistência de grandes grupos sinfônicos não propi-

\* Por Guilherme Mannis, maestro, Diretor Artístico e Regente Titular da Orsse, Gestor Artístico dos Grupos Experimentais da Universidade Federal de Sergipe e Doutor em Música pelo Instituto de Artes da Unesp





ciou o estabelecimento e a permanência de muitas partituras orquestrais capazes de sobreviver até os dias atuais. Em relação às últimas décadas do século XX, há pouquíssimo material remanescente em condições de performance.

O advento da Orsse reestruturada e o novo Curso de Música, instituído em 2006, por sua vez, trouxeram uma leva de novos músicos interessados na composição de peças para Orquestra Sinfônica. A pronta abertura à execução de suas obras pela Sinfônica local foi um importante incentivo para estes artistas, entre os quais destacam-se compositores como Thaís Rabelo (professora do Codap-UFS e harpista free-lancer da Orsse), Daniel Freire (pianista da Orsse e maestro do Coro Sinfônico), Fabiano Santana (violinista da Orsse) e Ricardo Vieira (violonista e Secretário do Departamento de Música da UFS), entre outros. Obras como a “Rapsódia sobre o Meu Papagaio”, de Daniel Freire, “A Terra do Rei”, de Thaís Rabelo, “Amanhecer” de Fabiano Santana e “Pérolas para Jobim”, de Ricardo Vieira, entre outras, retratam diversos aspectos composicionais destes criadores, não necessariamente estabelecendo ligações com manifestações artísticas locais, mas transmitindo a arte musical sergipana como a sentem, como a veem.

Outro importante ponto foi o interesse dos criadores nacionais por Sergipe. Além da realização de inúmeras primeiras audi-

ções mundiais pela Orsse — há uma grande preocupação de nosso grupo em prestigiar a música nacional e valorizar a música contemporânea —, houve a concepção de variadas peças compostas especificamente com base em produções artísticas do Estado. Dois ótimos exemplos são “Boa Noite, Meus Senhores”, sobre temas sergipanos, do aclamado compositor carioca André Mehmari, estreada pela Orsse em 2011, e as “Quatro Canções sobre Poemas de Tobias Barreto”, do autor mineiro Cláudio de Freitas, estreada por aqui em 2012.

O maior sucesso em relação ao público, contudo, consistiu na realização de diversos shows e participação de artistas da terra nas programações da Orsse. Tal questão requer muita aplicação da direção, sobretudo na realização de versões específicas para a orquestra: a execução de peças populares exige a confecção de arranjos sinfônicos que especificam as notas a serem tocadas por todos, do flautim ao contrabaixo. Entre os arranjadores específicos que se debruçaram neste trabalho, destacam-se os já citados Daniel Freire, Fabiano Santana e Ricardo Vieira, e também o timpanista e maestro James Bertisch. Confesso que também não foram poucos os dias dedicados por mim à concepção e escrita de muitos destes arranjos. Todas as peças aqui produzidas, em torno de 60, respeitaram as especificidades do grupo e as características de nossos músicos.



**Orsse e Polayne**



**Concerto Junino**

Entre os artistas abordados, destacaram-se Patrícia Polayne, Grupo Cataluzes, Ismar Barreto, Amorosa, Antonio Carlos do Aracaju, Erivaldo de Carira, Clemilda, Gerson Filho, The Baggios, Nadir da Mussuca, Tonho Baixinho e Irmão, entre muitos outros. Foi construído uma versão específica do Hino de Sergipe, de Frei José de Santa Cecília, para a Orsse e seu Coro. A confecção e execução destes arranjos tem propiciado ao grupo uma participação contundente em eventos tradicionais do Estado, como os concertos de São João, eventos natalinos, festivais de música popular e encontros culturais.

Sobre a emoção que envolveu o processo de composição de “A Terra do Rei”, peça sinfônico-coral concebida por Thaís Rabelo contando a história do estabelecimento de Sergipe, a compositora explicita algumas palavras: “Foi muito emocionante ver A Terra do Rei sendo interpretada pela orquestra Sinfônica e pelo Coro da Orsse. A música, que foi escrita em formato de Poema Sinfônico, traz a temática de Sergipe Colonial, e, para mim, reforça o sentimento de ser Sergipano, de pertencer a esse estado tão rico de história e de cultura. Na verdade, foi o orgulho que sinto por minha terra que me inspirou a colocá-la no papel, música e letra; ouvi-la tão bem interpretada e bem recebida pelo público foi muito gratificante.”

Já o compositor Fabiano Santana sustenta: “Assim como é o processo composicional de uma obra literária, escrever

uma obra musical num formato sinfônico é algo muito especial, dado o tamanho da responsabilidade diante do público, do maestro e dos músicos, pois esses autores depositam no compositor sua confiança, expectativa e respeito. Ver esta obra estreada pela ORSSE é algo singular, especialmente por tê-la vivenciado como compositor e como instrumentista”. Segundo ele, o contato com os músicos foi fundamental na concepção da obra: “Quando escrevi ‘Amanhecer’, pensei em cada instrumentista da nossa Orsse, ao ponto de trocar com esses excelentes profissionais algumas ideias sobre a idiomática de determinados instrumentos, visto que a escrita empregada é um tanto densa. O discurso musical por mim escolhido para a alvorada está distante da tradição, ou seja, o concebi em uma ótica diferente das que são encontradas comumente na literatura sinfônica: ao invés de descrever sons de pássaros ou algo semelhante, quis descrever o processo que antecede tudo isso. Dessa forma, o amanhecer propriamente dito só ocorre no acorde final da peça, quando o dia, com os primeiros raios solares, consegue finalmente vencer a escuridão da noite”.

Não se pode, claramente, restringir a atuação de uma orquestra sinfônica estadual apenas a um ou outro nicho artístico, e nem tampouco afastá-la completamente de sua produção tradicional. Muito de

Foto: Pritty Reis



Foto: Acervo Pessoal



**Compositor Fabiano Santana**

Foto: Tâmara Xavier



**Maestro Mannis e as partituras**

sua qualidade advém daí: do treinamento rigoroso e autocobrança de manutenção e incremento da capacidade técnica de seus membros. De forma geral também, os grandes clássicos fazem muito sucesso com o público: Festivais Beethoven ou Tchaikovsky são garantia de casa lotada para todos nós, com partituras facilmente acessíveis e disponíveis. No entanto, a pluralidade, em aspectos como o contato com o público por meio de redes sociais e variados canais de comunicação, a escolha de locais de apresentação e, sobretudo, a programação artística, mesmo que isto exija da orquestra um maior esforço na preparação de partituras e na concepção dos repertórios, proporciona à população maior identificação e um importante e vital senso de pertencimento e orgulho em relação ao que é produzido, com grande qualidade e dedicação, em seu Estado. **C**

Foto: Acervo Pessoal



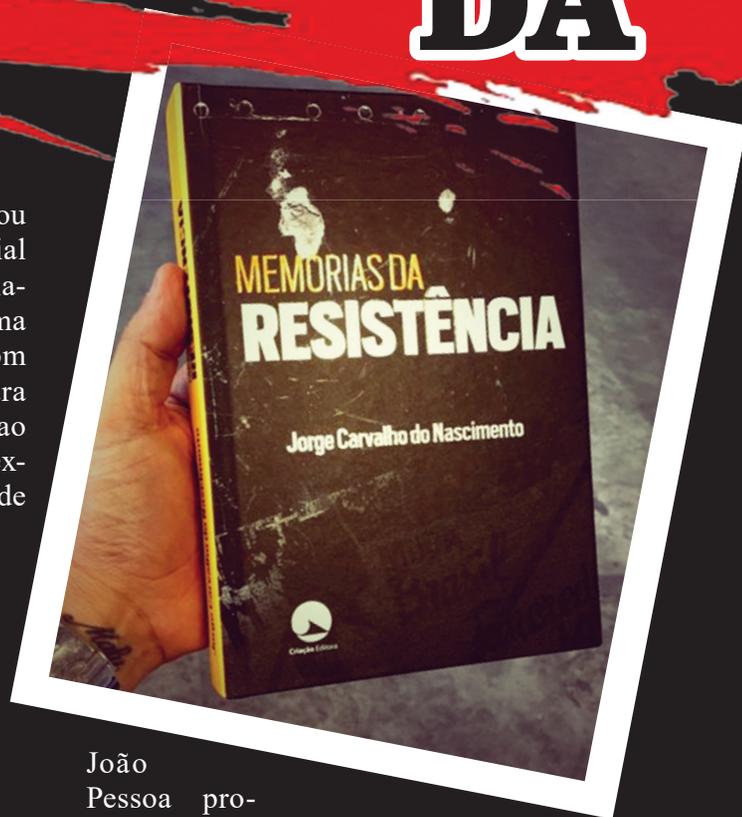
**Compositora Thaís Rabelo**

# MEMÓRIAS

João Augusto Gama

# DA

O golpe militar de 1964 provocou a maior ruptura político-social da história brasileira. A proclamação da república aconteceu de forma menos traumática. O imperador vai, com sua família e uns poucos aúlicos, para o exílio e, pouco depois a vida volta ao normal. A revolução de 1930, com a exceção da Paraíba onde o assassinato de

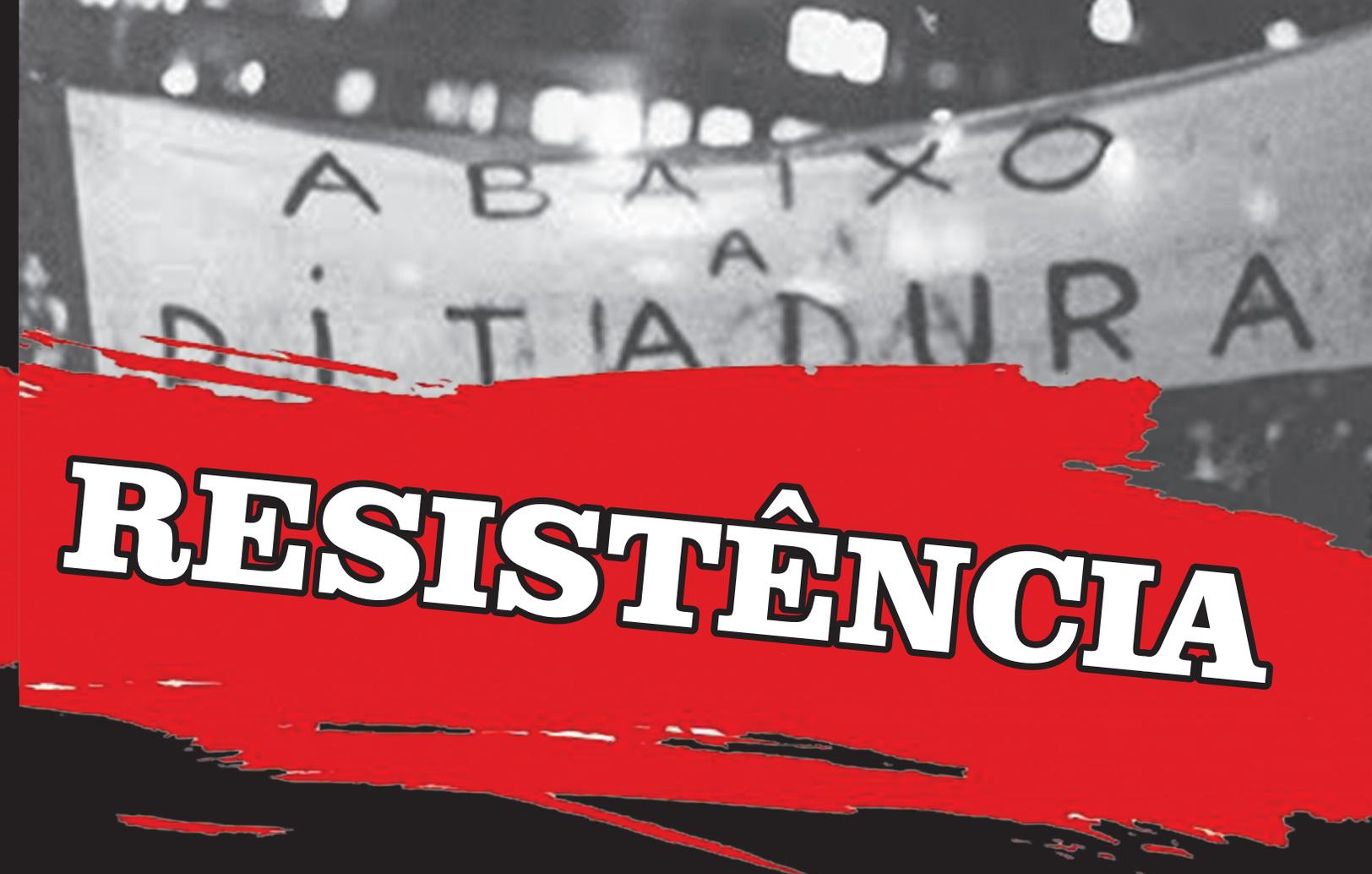


João Pessoa provocou um onda de perseguições sem precedentes naquele estado, também aconteceu de forma relativamente tranquila. No Brasil, o cardeal do Rio de Janeiro acompanha o presidente deposto para o navio que o levará ao exílio e umas poucas prisões ocorrem. Em Sergipe os governantes da véspera se escondem por uns poucos dias e, logo, tudo volta ao normal.

A violência instalada no país, após



Jorge Carvalho



# RESISTÊNCIA

a queda do presidente João Goulart, se estende a Sergipe. O governador Seixas Dória é preso, enviado para Salvador e, posteriormente para a ilha de Fernando de Noronha. A repressão tem início. O 28º batalhão de caçadores se enche de presos políticos. São homens, mulheres e jovens que são violentamente colocados no cárcere sem nenhuma acusação. Uma suspeita, uma delação, qualquer pretexto fútil justificava uma prisão. O horror do regime militar iria durar 21 anos.

Com uma linguagem elegante, o professor Jorge Carvalho do Nascimento no seu livro *Memórias da Resistência* recupera a história do MDB, depois PMDB, desde sua fundação no já remoto ano de 1965, quando do fim do pluripartidarismo imposto pelo regime militar. Nada escapa ao olhar arguto do historiador. Escreve história. Confronta as informações. Verifica todas as fontes. Nada es-

capa. Vê as dificuldades para a criação do MDB em Sergipe. O medo em fazer parte do partido.

Quando de sua criação, toda a assembleia legislativa, com seus 32 deputados, se filiaram à Arena, partido do governo militar. Chama a atenção sua pesquisa sobre Oviêdo Teixeira, empresário de sucesso, que larga seus negócios para se envolver em uma luta política desigual que poderia comprometê-los. Não deixa só seu filho José Carlos Teixeira, jovem deputado federal, que aceita a missão de comandar a oposição em Sergipe. Envolve seus filhos mais novos Luiz e Tarcísio Teixeira, jovens, começando suas vidas empresariais, para organizarem o MDB em Sergipe.

Resgatar a história do MDB/PMDB é o compromisso do historiador Jorge Carvalho do Nascimento e seu livro *Memórias da Resistência* o faz com seriedade e competência. **C**

## Brian Gentil



*“Meu nome é Brian Gentil, nasci em 17/05/1996, em Campos do Jordão/SP. Vim definitivamente para o Nordeste aos 7 anos, já morei na Bahia e atualmente moro em Sergipe. Minha história com a poesia começou aos 12 anos, quando recebi um livro do Carlos Drummond de Andrade e, apesar da compreensão não ter sido das melhores, fiquei encantado com a capacidade de alguém entrelaçar as palavras harmonicamente e carregar todo um sentido nelas. Desde então passei a ir em busca de diversos poetas, dentre eles o que me inspirou a começar a escrever: Álvares de Azevedo. Ganhei uma obra de Álvares de Azevedo de uma pessoa que disse ter inspirado ela também, e após a leitura eu praticamente senti-me à vontade para começar a escrever. Era denso, era muito intenso, o que me fez pensar que qualquer pessoa não levaria absolutamente nada deste plano, mas poderia ser imortalizada pelas suas obras; neste momento veio o amor (que muitas vezes é mais dor) pela escrita”.*

### Para Araripe Coutinho

Dualidade em solitude,  
Fé em solidão,  
A rima que procuras,  
Contrasta à criação.

- Ponho a água para ferver...

Meio Blues, meio Soul,  
The Sky is crying,  
Bossa-nossa, pecúnia em termo incerto.

- Faço o chá, penso em ti...

Mário de Andrade em suas telas,  
Tarsila em sua sensibilidade,  
Cavalcanti vivia em teus lábios,  
Carybé são seus afagos.

- Escrivantina à sua disposição...

Quando vejo Sergipe, tu vives,  
Quando penso em viver, tu vives,  
E que toda a poesia feita nessa terra seja  
sincretizada em seu nome,  
Pois teu legado move linhas e poemas.

“eu sempre rendido, XLII”.

## Anamnese

"Dialética ideal,  
Escolas Geisel,  
Amnésia histórica,  
Idealismo morfológico,  
Materialismo adverbial.

Lírica Hennessy,  
Denzel Interamericano,  
Lukács materialista em insígnias  
docentes,  
Jogos de azar,  
Filantropia tecnológica.

Nós, Ébrios sinestésicos em salas  
de cinema,  
A ver a transmissão de um Pulp Fiction  
em Noir,  
Translúcido diante da violência a  
se transvalorar mediante a forma  
econômica que suprime a economia  
popular solidária em conversas -- de  
mercadores de Veneza -- quanto à uma  
necropolítica pós-welfare state.

Mãos dadas, destinos se entrelaçam em  
cosmopolitas unhas artificiais e beijos  
franciscanos nas províncias sulistas:  
virá que eu vi.

Viramos uma pós-metragem, melhorias  
transcendentais, mas cafeínas sórdidas.  
Abjetas feições corta-luz,  
Nossa época é um suicídio em doses  
homeopáticas".

A Lua cura a coroa bem posta,  
Peixes e zodíacos desencontrados,  
Ruas e CNPJ's, falsas cédulas e  
veganismos.

Abstenções simpáticas, cárceres  
primários,  
Rosedos e Azevedos, Florbelas agressivas,  
Luas em 7 fachadas, choros e serenos.

Pedidos e competições expressivas,  
Movimentos artísticos estagnados,  
Decretos trancando ruas, Heneke e fitas  
brancas:  
Sétimo continente.

Sétimo selo, em sinos de igrejas,  
Onde galos cantam meia-noite em giras  
sulistas francesas e Centrais de um  
Brasil sagaz em abstenções de segundas  
dimensões enquadradas em pichações  
marianas, enquadradas em cores em  
violência gratuita.

Benny, Cochés, Happy ends em amores  
perros e ganidos de numerosos carnavais  
sinestésicos,  
Sente, molhe-me os olhos,  
Acenda as velas,  
Ascenda o sabor,  
Acentue o gozo,  
Dos frutos da fecunda proveniência de  
amor e ódio,

Como a morte de uma Amy clandestina,  
Apenas sinta.

Cheiro de plebe  
Na luz que corre a meio prédio,  
E ilumina a agonia de viver da família de  
rua à beira-mar,

Salvador em teses,  
A cidade em febre,  
Canindé em monumentos,  
Monumentos de ti.

Por nós, o Estado-bala,  
Dos rastros tímidos de plantios,  
Que fazem germinar públicos hospitais a  
desejar guerras santas em vitrines da Vice.

Plágios culturais publicizados apenas  
por agonias tardias em corpos a cair,  
Em um whisky e drinks a bailar o baião-  
de-dois,  
Sob o samba-de-oliva a nutrir deuses de  
uma carnificina,

Próxima esquina,  
Tredestinação ilícita,  
Chacrinhas e quadras de Illhas Belas,  
Sarcasmos e bares em sentimentos dela,  
Serenatas em morros e cabidelas,  
O oxigênio dividido entre o pavor e ela.

O dia amanhece,  
Orvalhos sopesados,  
Balanças suam,  
A agonia do primeiro café.

Supermercado social.

Hipocondríaca política,  
Ao afago de sinos em postos,  
Tardes em bares,  
Martes em Áries,  
Ao contraponto do célere Bach.

Ao descompasso do cravista e Tales,  
Mileto e rosas em harpas e mesas,  
Sinucas e vodkas em águias e presas,  
Chavismo, indígenas e coletivos, calem-se.

Os ares e Ares em décadas vindouras,  
A filosofia extirpada da lousa,  
Malária e cosmos, viagens eternas,  
Entre o frio e a laje, carícias etéreas.

Sorrisos em cápsulas, voyage,  
Te vejo de longe, voyeur,  
Se filosofa por mim, transfusão,  
As partes que em mim não mexem:  
coração.

Para quê pares e altares em Palmares  
e sonegação?

Laranjas em trabalho: escravo,  
Desolados por urnas, conclusão:  
o povo pobre padece em reclusão,  
Estamos todos pagando pela exclusão,  
O troco disso tudo: ilusão.

## Inato - amor perro ao amanhecer

Dia comum,

Ruas do Centro,

Cogitações de tristezas e noites mal dormidas em malgrados brilhosos e líricas nas formaturas de 15 anos de convivências em ruas assombrosas, e sonhos de um café-da-manhã alinhado entre espírito e uma carência etérea, em palavras bíblicas às luzes dos refletores, cracks e esportes urbanos – chuvas mal abrigadas em um mundo que ali circula.

Rememora-se a virgem Veronique (dupla).

Rememorar um acossar em Sinésio de Sirene é vencer.

Pernas emancipadas (não monogâmicas),

Rememorar é viver – no princípio é a verba – ao germinar do verbo.

Naufrágios de Cannes e diretores austríacos,

Holofotes agnósticos,

Teses e fluxos jurisdicionais,

Emancipações em uma Camboja com diversos Pol Pot's.

Sinos às 8h em margens tropicais,

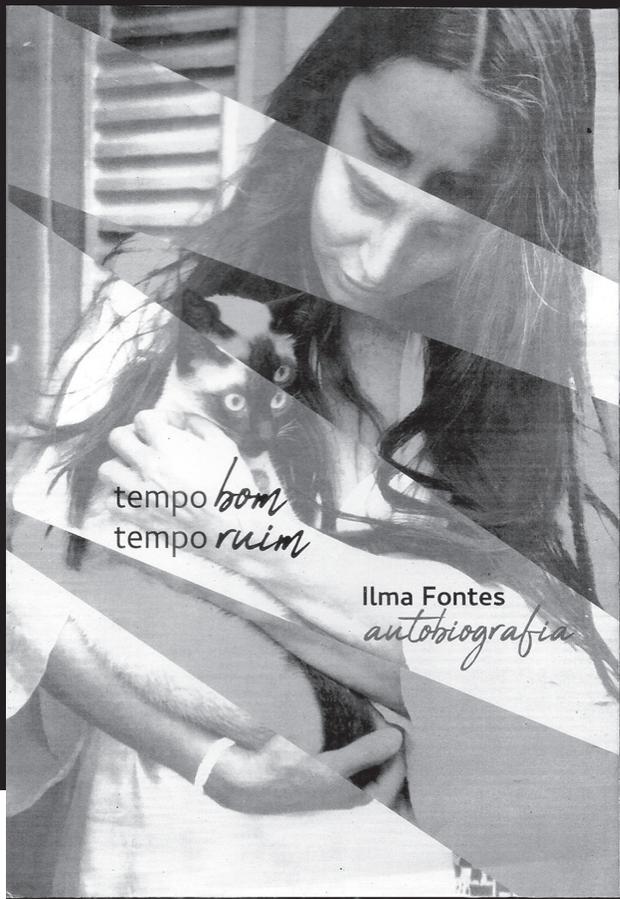
Empresas filantrópicas aos injustos pesares,

Agonias em dó maior,

Às desavenças entre pares e altares

ILMA FONTES:

“TEMPO BOM,



TEMPO RUIM”

Lilian Rocha

anos mais nova, não pertenci à “geração” dela, embora saiba que uma geração não dura apenas dez anos. Mas quando se é criança, é enorme a diferença entre duas pessoas de 8 e 18 anos, por exemplo. Devo tê-la conhecido e a quase todos os seus amigos, lá pela década de 70, quando me tornei adolescente e comecei a sair. Mesmo porque Aracaju, naquele tempo, era uma menina ainda, sem muitas opções de lazer e todo mundo frequentava e se encontrava nos mesmos lugares. Mas a cabeça e os interesses de uma menina de 15 anos também não acompanhavam o pensar de uma turma mais velha, que já trabalhava e era dona do seu próprio nariz. Havia uma distância intransponível entre nós.

Por isso, foi somente na década de 90 que vim a ter o primeiro contato com Ilma. Através da capa do seu jornal. E nunca mais esqueci o seu nome. Encontrei-a muitas vezes depois, nos artigos de jornal escritos por ela, no filme “A última semana de Lampião”, cujo roteiro é assinado por ela e no livro sobre Zé Peixe, escrito por ela, que eu adorei ler.

E fui gostando cada vez mais da escrita dela, do jeito que ela tem de lembrar Aracaju, trazendo tantos fatos e persona-

A primeira vez que tive ‘contato’ com Ilma Fontes foi quando vi a capa da primeira edição do jornal “O capital”, do qual ela era editora/fundadora. A capa trazia a foto de um homem completamente nu, com os braços estirados pra baixo. Vi e pensei, como muitos também devem ter pensado: “Que mulher doida!”

Não cheguei a ler o jornal nem nunca a conheci pessoalmente. Como sou dez

*“E fui gostando cada vez mais da escrita dela, do jeito que ela tem de lembrar Aracaju, trazendo tantos fatos e personagens à tona, daquele tempo efervescente que acontecia lá fora, enquanto eu brincava de boneca dentro de casa...”*

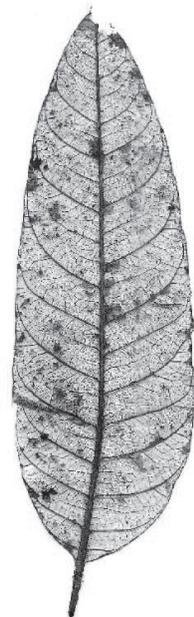


gens à tona, daquele tempo efervescente que acontecia lá fora, enquanto eu brincava de boneca dentro de casa...

Até que – sempre tem um “até que” – durante uma entrevista no programa de Pascoal Maynard, vi sobre a mesa dele o convite para o lançamento do livro dela que seria naquele mesmo dia. Ora, um livro autobiográfico chamado “Tempo bom, tempo ruim”, só podia ser bom. Ainda mais sendo de Ilma Fontes. O livro encontra-se a venda na Escariz.

E mesmo sem ter sido ‘formalmente’ convidada, chamei meu marido e fomos ao lançamento. Chegamos no final-

## N E R V U R A S



POESIA EM CARNE VIVA

*de Ilma Fontes*

 EDISE



Foto: Pascoal Maynard

zinho. Os que iam cantar já tinham cantado, os que iam se apresentar, já tinham se apresentado, mas foi bom, valeu a pena. Finalmente eu conheci pessoalmente a dona dos artigos de jornal que tanto me atraíram.

Voltei pra casa feliz com meu novo livro autografado e imediatamente me pus a lê-lo, pois adoro autobiografias. O livro está impecável em termos de projeto gráfico, graças à prof.<sup>a</sup> Germana Araújo, que esbanjou todo o seu talento.

E quanto ao livro, devo dizer que é um espetáculo à parte. Desde as primeiras páginas, Ilma nos arrebatava para dentro

dela e nos conta, sem segredos, muito do que ela viveu e muito do que ela teve que passar para sobreviver a uma época tão machista e preconceituosa.

Não foi fácil ser Ilma Fontes em Aracaju dos anos 60 e 70. Ilma foi sempre “um ponto fora da curva”, que pensava e agia adiante do seu tempo. Uma mulher extremamente corajosa e autêntica, coerente e intensa.

E por tudo isso, incompreendida, perseguida e julgada, como sempre acontece com aqueles que teimam em escapar de um padrão pré-concebido. O espírito de Ilma é livre, não cabe em nenhuma forma. Não a queiram entender. Apenas

*“Quanto ao livro, devo dizer que é um espetáculo à parte. Desde as primeiras páginas, Ilma nos arrebatava para dentro dela e nos conta, sem segredos, muito do que ela viveu e muito do que ela teve que passar para sobreviver a uma época tão machista e preconceituosa.”*

*“Não há nada mais maravilhoso do que a gente ser como é e viver do jeito que escolheu viver.”*



experimentem o sabor das palavras dela e se deixem envolver por muitas das lembranças dela. Lembranças que, por vezes, se confundem com as nossas e fazem com que a gente descubra que também temos um pouquinho de “Ilma Fontes” em cada um de nós.

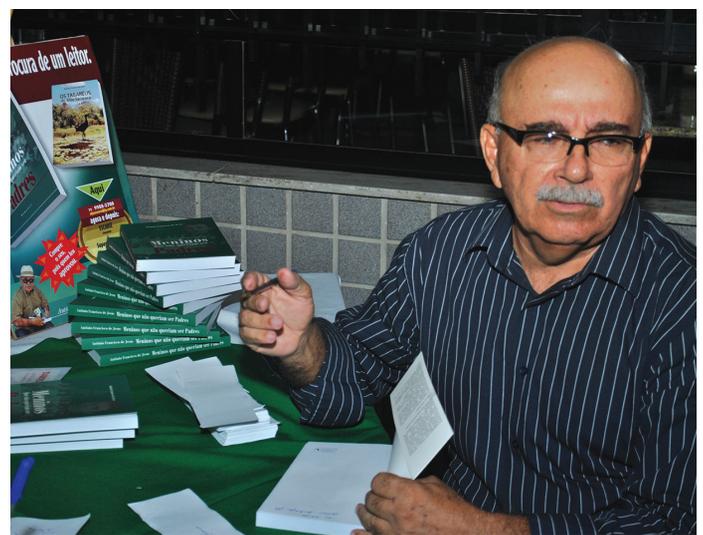
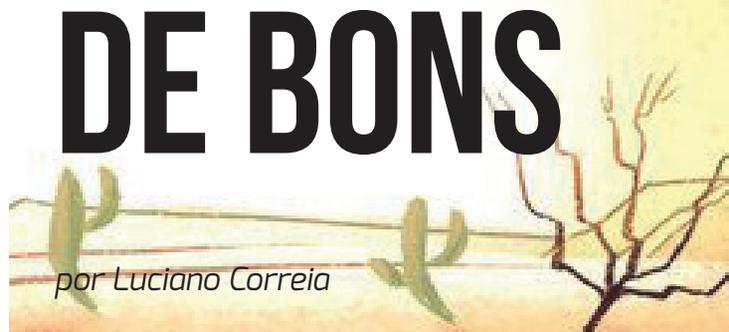
O que nos falta é só a coragem de libertar esse pedacinho encolhido e medroso. Pois não há nada mais maravilhoso do que a gente ser como é e viver do jeito que escolheu viver.

Ilma Fontes foi muito menos do que julgaram que ela era. E é muito mais do que julgaram que ela seria... **C**



Foto: Pascoal Maynard

# TABARÉUS DANADOS DE BONOS



“Os Tabaréus do Sítio Saracura”, primeiro livro publicado por Saracura (2008), chega a quinta edição; são cinco exemplares nas mãos dos leitores ou chegando. Para um romance, é algo a comemorar

Quantos municípios sergipanos podem contar, neste momento, com um leque de autores locais escarafunchando aspectos de sua história e cultura, sob os variados pontos de vista com os quais se olha para esses temas? Talvez nem mesmo a capital do Estado responda à pergunta

com a rapidez com que se pode dizer de Itabaiana, que, nos últimos anos, coleciona preciosas contribuições à sua historiografia e ao vasto repertório cultural da cidade. E olhe que não estamos falando de autores consagrados. Vivos, como Vladimir Souza Carvalho, ou mortos, como Alberto Carvalho. Em Itabaiana, como

Luciano Correia. Graduado em jornalismo pela UFBA. Especialista em Desenvolvimento e Relações Internacionais pela Universidade de Havana e mestre em ciência da comunicação pela Universidade Vale dos Sinos-RS. Foi professor da Universidade Federal de Alagoas e é professor, desde 1996, da UFS (Departamento de Artes e Comunicação). Jornalista atuante em várias empresas pelo Brasil. Autor de Jornalismo e Espetáculo, e está lançando aqui hoje “Entre Promessas e a realidade da televisão digital”.



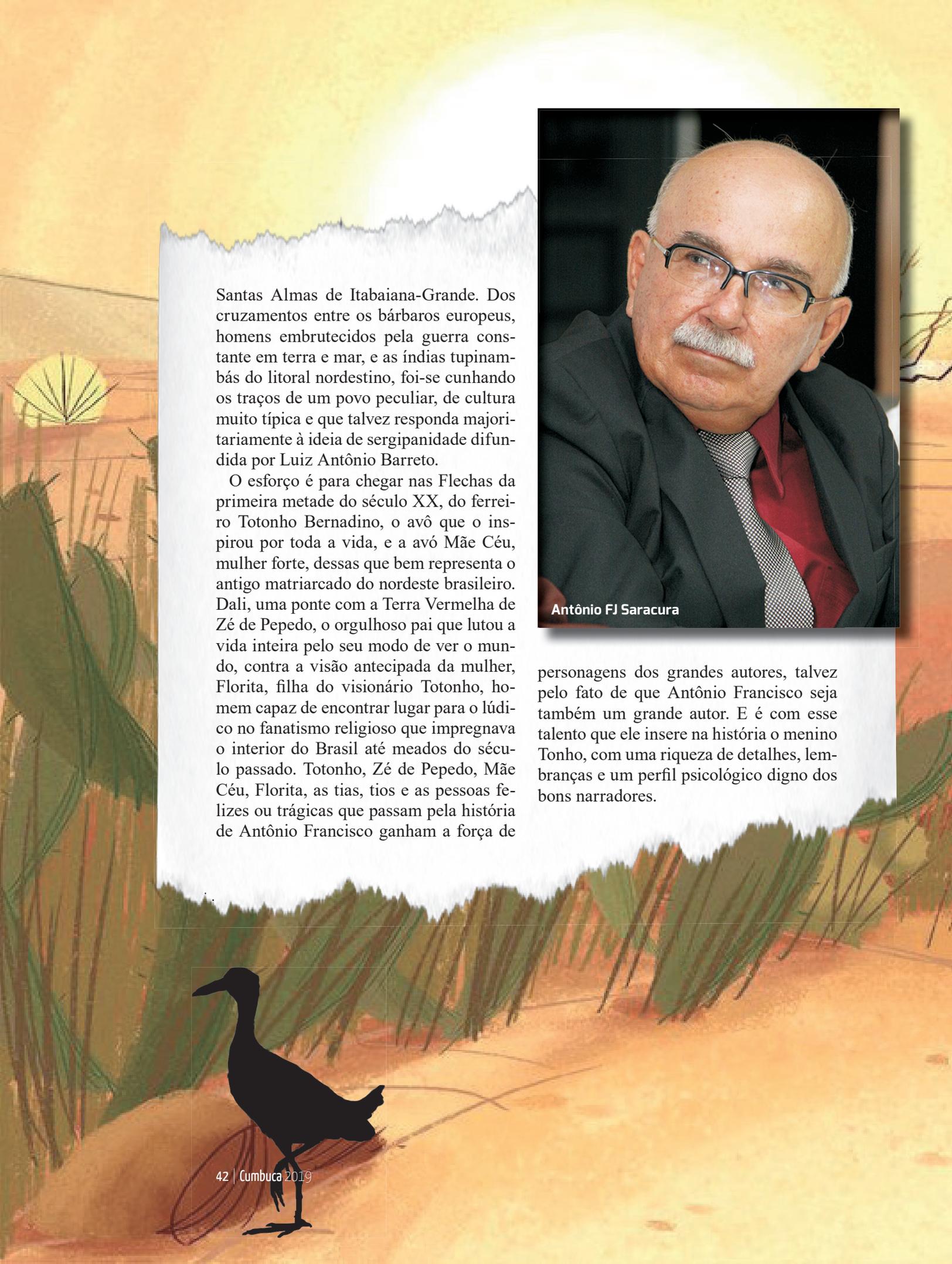
Luciano Correia

se aquela região entendesse que o acesso universal à informação quebrasse as panelinhas instituídas na produção cultural, uma profícua rama de novos atores vem se impondo com firmeza neste campo.

Agora mesmo, José Augusto Baldoch, que já tinha publicado nos últimos anos uma rica seleção de histórias vividas pelos personagens da cidade, contadas com a graça de poucos, prepara novo volume de suas crônicas cada vez mais indispensáveis. No mesmo instante, filhos de José Crispim de Souza distribuem com sucesso uma coletânea de poemas do honrado comerciante de tecidos estabelecido durante décadas no comércio local e que, nas melhores horas, teceu uma obra digna de

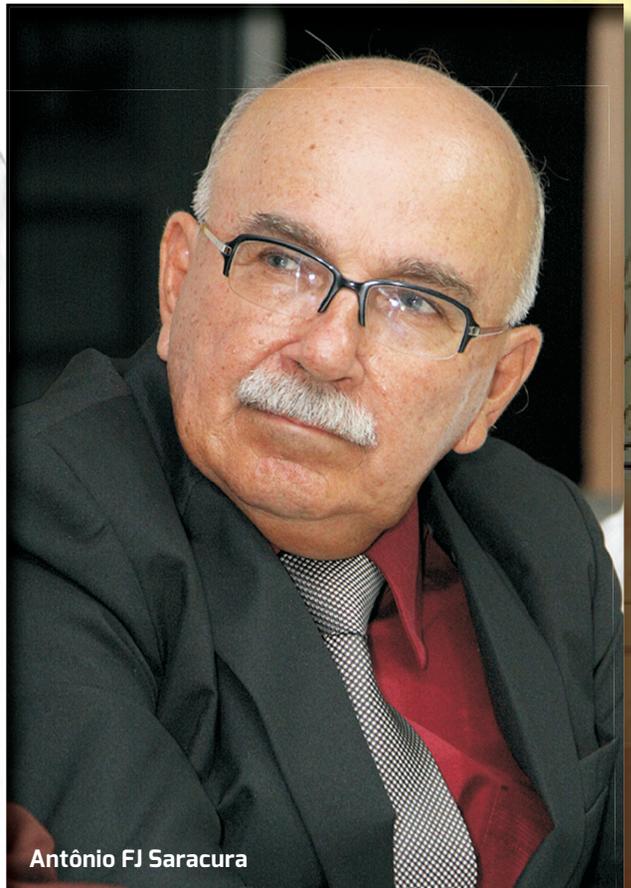
atenção. Mas o registro da hora é de “Os tabaréus do Sítio Saracura”, publicação independente de Antônio Francisco de Jesus, um economista e ex-jornalista que, no desejo de contar a própria história, terminou percorrendo um trecho importante na história de povoados itabaianenses desde o século XIX.

A rigor, o autor vai muito além dos parentes próximos que habitavam os torrões das Flechas, Terra Vermelha, Caraíbas, Matapuã, Pé do Veado e outros povoados que circundam a sede do município. Ao mergulhar numa pesquisa de fôlego, vai encontrar soldados holandeses fugidos de Pernambuco após a expulsão, pelos portugueses, e da retirada dos chefes militares para a Europa. Ou aparentados de nobres portugueses contemplados com sesmarias nas terras férteis entre o litoral e o sertão, onde se ergueria mais tarde a Vila das



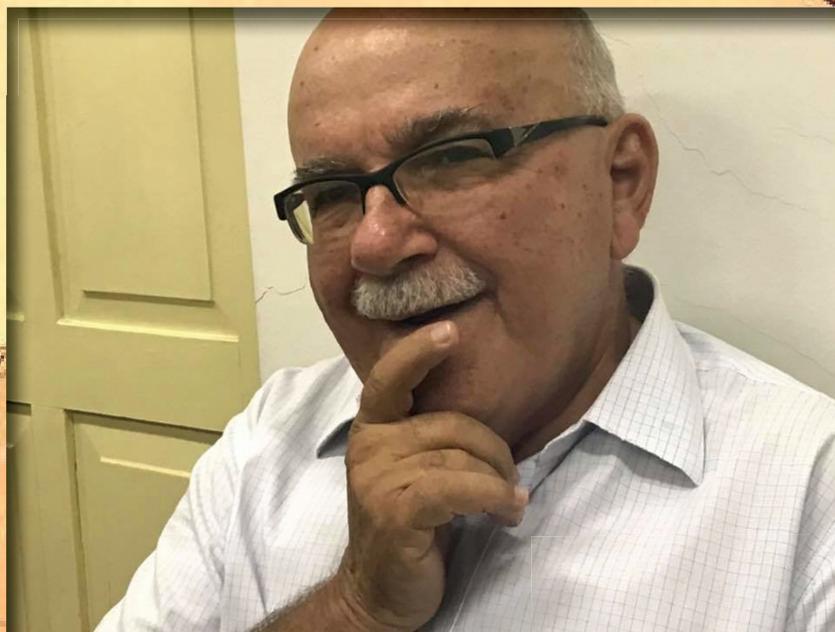
Santas Almas de Itabaiana-Grande. Dos cruzamentos entre os bárbaros europeus, homens embrutecidos pela guerra constante em terra e mar, e as índias tupinambás do litoral nordestino, foi-se cunhando os traços de um povo peculiar, de cultura muito típica e que talvez responda majoritariamente à ideia de sergipanidade difundida por Luiz Antônio Barreto.

O esforço é para chegar nas Flechas da primeira metade do século XX, do ferreiro Totonho Bernadino, o avô que o inspirou por toda a vida, e a avó Mãe Céu, mulher forte, dessas que bem representa o antigo matriarcado do nordeste brasileiro. Dali, uma ponte com a Terra Vermelha de Zé de Pepedo, o orgulhoso pai que lutou a vida inteira pelo seu modo de ver o mundo, contra a visão antecipada da mulher, Florita, filha do visionário Totonho, homem capaz de encontrar lugar para o lúdico no fanatismo religioso que impregnava o interior do Brasil até meados do século passado. Totonho, Zé de Pepedo, Mãe Céu, Florita, as tias, tios e as pessoas felizes ou trágicas que passam pela história de Antônio Francisco ganham a força de



Antônio FJ Saracura

personagens dos grandes autores, talvez pelo fato de que Antônio Francisco seja também um grande autor. E é com esse talento que ele insere na história o menino Tonho, com uma riqueza de detalhes, lembranças e um perfil psicológico digno dos bons narradores.



Mais que um relato literário da saga dos Saracuras, cujo nome é explicado em detalhes e remonta lá atrás ao cruzamento de europeus com as índias do agreste sergipano, o Tonho adulto se vale do economista para explicar a sobrevivência econômica em sítios e fazendas, fazendo um relato minucioso do modo de vida da época: a agricultura, o preparo da terra, a colheita, a farinhada, a criação de pequenos animais e, principalmente, dos grandes, dos cavalos e bois, estes últimos representando a grande força econômica, com a pecuária de corte e leite e seu entorno: o carro de bois, o costume de nominar os animais, o preparo da carne de sol numa

época sem energia elétrica.

O hábito de dar nome às coisas era estendido às fruteiras que davam sombra aos quintais. Assim, os jabeiros dos Ferreiros tinham os nomes de Homero, Florita, Nete, etc, num mundo parecido com o realismo fantástico de Garcia Márquez, a ver pelo próprio Totonho, que falava com uma jaqueira providencial, socorro como ração do gado nas piores secas, ajoelhando-se junto ao tronco, elogiando suas qualidades e agradecendo a ajuda em horas tão difíceis. Totonho era chegado a qualquer ajuntamento que acontecia nas



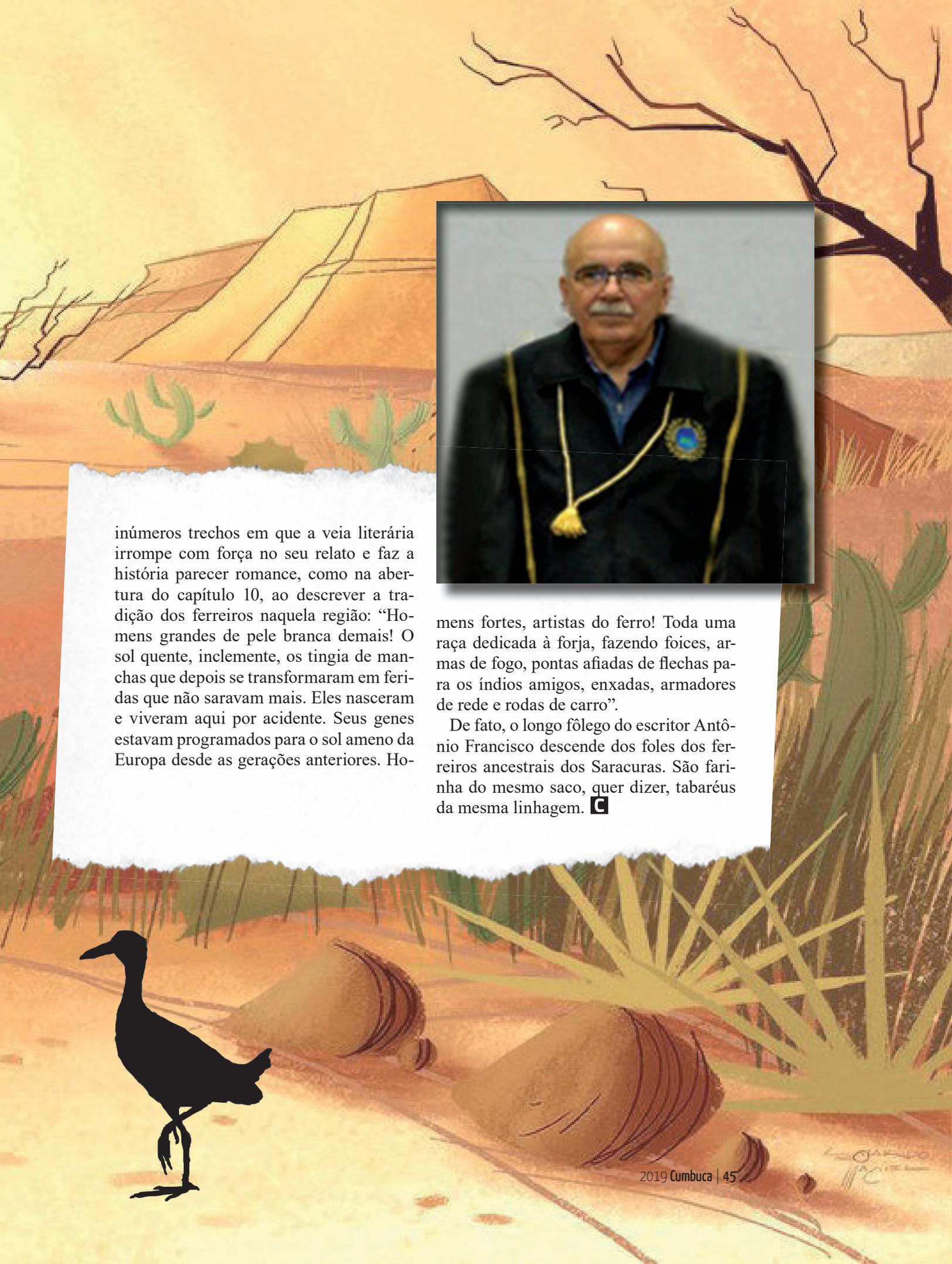


redondezas, como conta o neto: “Não faltava a nenhum reisado, comprando prendas, dançando com as figuras e cantando versos com os puxadores. E, muitas vezes, apaixonando-se perdidamente por alguma artista do espetáculo”.

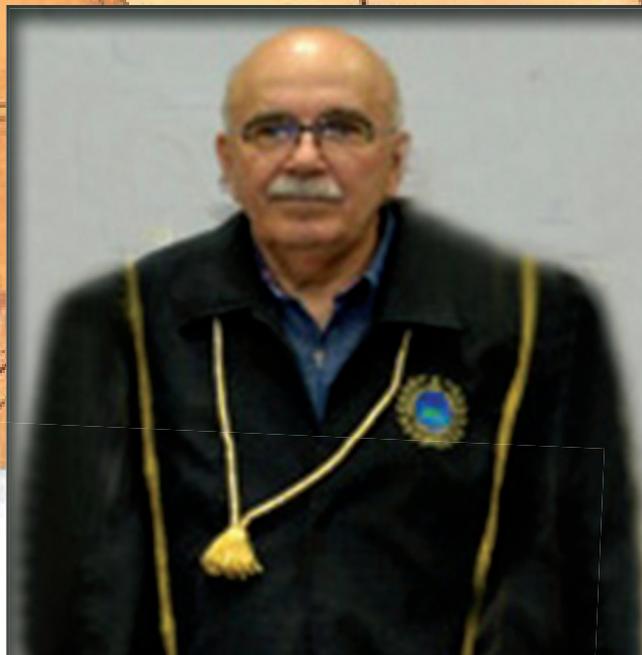
Ao contar a luta do pai para sair da dura vida na roça, revela as origens de uma categoria social diferente do comerciante tradicional, a do negociante, um tipo de mascate que sai de sítio em sítio com o objetivo de comprar o pouco excedente da produção de subsistência (ovos, galinha,

frutas, verdura, cereais, etc) para vender em feiras, bodegas ou mesmo trocá-la por outros produtos, inicialmente de burro e depois pela estrada de rodagem. Vem daí a mística de Itabaiana como “celeiro” do estado e da região, como também a origem dos futuros comerciantes “ceboleiros” que vão se firmar como grandes empresários em Sergipe e em outros estados.

Por fim, se ainda resta alguma dúvida sobre as qualidades do historiador Antônio Francisco, vale citar somente um dos



inúmeros trechos em que a veia literária irrompe com força no seu relato e faz a história parecer romance, como na abertura do capítulo 10, ao descrever a tradição dos ferreiros naquela região: “Homens grandes de pele branca demais! O sol quente, inclemente, os tingia de manchas que depois se transformaram em feridas que não saravam mais. Eles nasceram e viveram aqui por acidente. Seus genes estavam programados para o sol ameno da Europa desde as gerações anteriores. Ho-



mens fortes, artistas do ferro! Toda uma raça dedicada à forja, fazendo foices, armas de fogo, pontas afiadas de flechas para os índios amigos, enxadas, armadores de rede e rodas de carro”.

De fato, o longo fôlego do escritor Antônio Francisco descende dos foles dos ferreiros ancestrais dos Saracuras. São farinha do mesmo saco, quer dizer, tabaréus da mesma linhagem. **C**

# Os Quatro Continentes: pintura jesuítica na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Verônica Nunes\*

A Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola (1491-1536) e reconhecida oficialmente pelo Papa Paulo III em 1504, quando foi aprovado o estatuto.

A Companhia possuía uma organização hierárquica e rígida e se propunha a desempenhar atividades como a defesa da igreja e do Papa, a educação da juventude, combater as heresias, realizar as missões de catequese, para maior glória de Deus. A catequese como parte dos programas inacianos os impeliu às várias partes do mundo — China, Índia, Japão, América.

Em 1521, autorizada por Dom João III, a Companhia de Jesus foi introduzida em Portugal, considerando que os objetivos jesuíticos de educação e catequese

coincideram com a política de colonização portuguesa e foram designados para a tarefa de catequização nas colônias portuguesas de ultramar e obter a “salvação espiritual” (Amsberg, 2009).

Para Sala, “o jesuíta, além de psicologicamente ativo pela ideia de catequese, é dotado de um aparato intelectual notável: sabe construir com terra, madeira ou pedra, conhece desenho e geometria, fala duas ou três línguas europeias além do latim e se move tão à vontade nos trâmites dos negócios da corte quanto no convés de um navio” (Sala, 2002, p. 17).

São estes padres que a partir de 1549, tendo como superior Manuel da Nóbrega (1517–1572) começaram a se instalar



**“Em Sergipe, os inacianos  
chegam em 1575 com a  
tentativa de conquista do  
território e se instalam  
após 1590 no território  
missioneiro do Geru (Aldeia  
de Nossa Senhora do  
Socorro dos Índios Kirirís)  
e em outras áreas, com o  
estabelecimento de igrejas,  
colégios em Itaporanga  
(Tejupeba) e propriedades  
como as existentes em  
Socorro e em Laranjeiras  
(Nossa Senhora da Conceição  
da Comandaroba, o Retiro)”.**



na colônia portuguesa da América para realizar a catequese, o aldeamento e a educação. Também trazem na bagagem cultural o ‘Modo Nostro’ da arquitetura e o programa de iconografia, cujas marcas vão ficar impressas no território brasileiro nas obras arquitetônicas em pedra e cal, prática introduzida na segunda metade dos quinhentos (Campos, 2011, p. 41) e nas imagens, obras de talha e pintura.

O ‘Modo Nostro’ empregado na arquitetura jesuítica eram as diretrizes de higiene, solidez do edifício e austeridade do edifício e o programa iconográfico embasado na visualidade dos Exercícios Espirituais, elabora a sua estatuária onde estão representados Stº Inácio de Loiola, São Francisco Xavier, São Luiz Gonzaga, São Borja, os retratos de Cristo, aves que simbolicamente representavam elementos do cristianismo, como o pelicano, e temas como o dos continentes.

Em Sergipe, os inacianos chegam em 1575 com a tentativa de conquista do território e se instalam após 1590 no território missioneiro do Geru (Aldeia de Nossa Senhora do Socorro dos Índios Kirirís) e em outras áreas, com o estabelecimento de igrejas, colégios em Itaporanga (Tejupeba) e propriedades como as existentes em Socorro e em Laranjeiras (Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, o Retiro).

Sobre a Igreja de Nossa Senhora do Socorro, Lúcio Costa (1941) a apresenta da seguinte forma:

“Na igreja de Socorro em Sergipe, os padres adotaram o partido bem mais frequente, de dispor as duas capelas no

sentido transversal, repetindo-se, assim, a velha norma de planta em cruz latina. O arco de uma dessas capelas, em cantaria e ricamente ornamentado, parece único no seu estilo em todo país” (Costa, 1941, p. 117 e 121).

A igreja de Nossa Senhora do Socorro em sua fachada foge da concepção despojada, padronizada de outras construções (Nossa Senhora do Socorro em Geru, em Sergipe; São Lourenço dos Índios em Niterói, no Rio de Janeiro; Nossa Senhora do Rosário em Embú, em São Paulo; Nossa Senhora das Graças em Olinda, em Pernambuco), pois ela possui duas torres que ladeiam o frontão em volutas. No interior, a nave possui planta em forma de cruz latina, com quatro capelas; a indicada no texto com arco em cantaria pertenceu a Irmandade do Santíssimo Sacramento, as outras três seguem o padrão sem o tratamento da capela citadas, sendo que uma destas é o batistério. Entre as quatro capelas ficam os altares laterais, dois em cada lado. A capela-mor possui tribunas e o altar-mor com colunas salomônicas, dossel, sacrário, e o forro pintado com o tema dos quatro continentes.

### **A pintura do forro**

O painel do forro da capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Socorro se constitui em um medalhão central e de medalhões laterais com imagens de quatro doutores da igreja: Santo Antônio, São Gregório, Santo Agostinho e São Gerônimo e os Sagrados Corações de Jesus e Maria e a representação do ícone de Nossa Senhora do Socorro. O medalhão representa Nossa

Senhora do Perpétuo Socorro, portando na mão direita o cetro, no braço esquerdo está o Menino Jesus que porta um cetro na mão direita o cetro. Ambas as imagens possuem coroas sobre as cabeças. As imagens pairam no centro da abóboda celeste, contornadas por seis cabeças de anjos: duas cabeças à direita da Virgem e duas a esquerda. Os outros dois anjos estão acima das imagens, um de cada lado. Os pés da Virgem Maria estão apoiados no globo terrestre, em torno do qual estão dispostas as figuras representativas dos



**A pintura do forro da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é um bem patrimonial, monumento histórico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 20 de março de 1943.**



quatro continentes: à direita da Virgem, Europa, mulher branca que traja túnica, manto, joias e está coroada; ao seu lado, a África, representada por um homem negro trajando um albornoz com turbante na cabeça e na mão esquerda um objeto; à esquerda da Virgem um homem com traços fisionômicos orientais, trajando túnica vermelha e na mão esquerda segura um objeto, representa a Ásia; um homem vestido com saiote de penas, tendo na cabeça um cocar, portando arco e flecha

**Os Quatro Continentes - forro da Capela Mor da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Foto: Gerado Nunes





### Capela da Irmandade do Santíssimo Sacramento

Foto: Adalberto Falcone / Coleção Particular

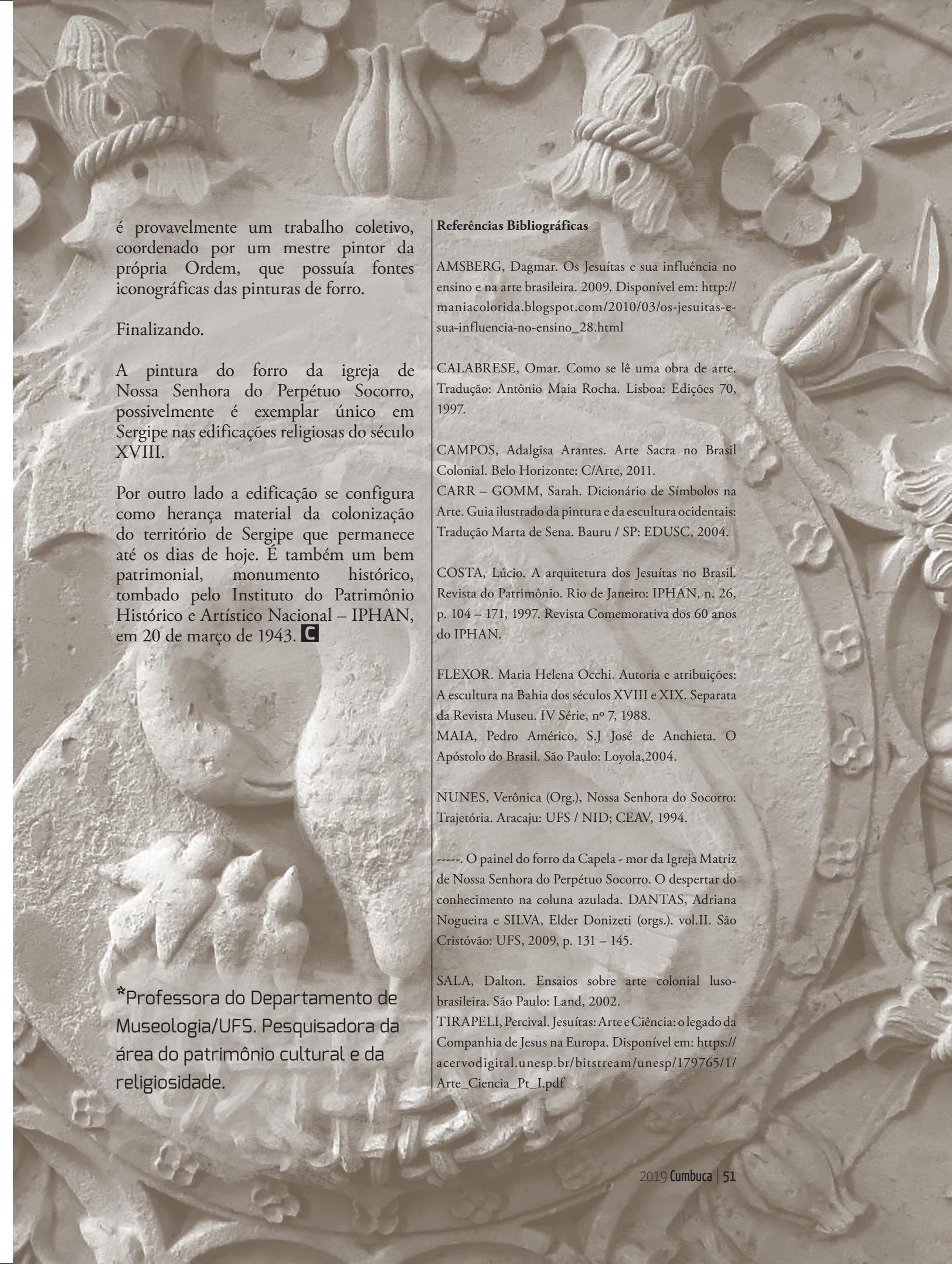
próximo ao braço esquerdo, representa a América; estas quatro representações trazem a mão direita sobre o peito como uma saudação à Mãe e ao Filho. Toda a cena é contornada por uma moldura arrematada nas extremidades por rosas, flor representativa da Virgem Maria. Em que pese o aparato da cena, a composição é simples, não incluindo elementos arquitetônicos.

A leitura interpretativa da cena indica que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é a Senhora do mundo conhecido que se apresenta através das quatro figuras ajoelhadas aos seus pés, aos quais ela apresenta o seu Filho, o Menino Jesus, Rei Deus Menino que reina sobre a terra.

A concepção e a execução de uma pintura de forro eram bem mais complexas que as pinturas dos retábulos de altar ou de painéis de parede. O fato da obra não estar assinada pode ser indício de que, como afirma Flexor (1998), essas obras “além de coletivas, baseiam-se em modelos reproduzidos anteriormente, se não fielmente, pelo menos dentro do mesmo padrão e do mesmo modelo”.

O tema dos quatro continentes era popular entre os artistas do barroco, como Tiepolo, Bernini, Rubens. Os Jesuítas prestigiavam o tema que tornava visível a intenção da Ordem de espalhar a fé católica em todo o mundo, isto é evangelizar, catequizar. (Carr – Gomm, 2004)

A pintura do forro da capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



é provavelmente um trabalho coletivo, coordenado por um mestre pintor da própria Ordem, que possuía fontes iconográficas das pinturas de forro.

Finalizando.

A pintura do forro da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, possivelmente é exemplar único em Sergipe nas edificações religiosas do século XVIII.

Por outro lado a edificação se configura como herança material da colonização do território de Sergipe que permanece até os dias de hoje. É também um bem patrimonial, monumento histórico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 20 de março de 1943. 

\*Professora do Departamento de Museologia/UFS. Pesquisadora da área do patrimônio cultural e da religiosidade.

#### Referências Bibliográficas

AMSBURG, Dagmar. Os Jesuítas e sua influência no ensino e na arte brasileira. 2009. Disponível em: [http://maniacolorida.blogspot.com/2010/03/os-jesuítas-e-sua-influencia-no-ensino\\_28.html](http://maniacolorida.blogspot.com/2010/03/os-jesuítas-e-sua-influencia-no-ensino_28.html)

CALABRESE, Omar. Como se lê uma obra de arte. Tradução: Antônio Maia Rocha. Lisboa: Edições 70, 1997.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Arte Sacra no Brasil Colonial. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CARR – GOMM, Sarah. Dicionário de Símbolos na Arte. Guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais: Tradução Marta de Sena. Bauru / SP: EDUSC, 2004.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil. Revista do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, n. 26, p. 104 – 171, 1997. Revista Comemorativa dos 60 anos do IPHAN.

FLEXOR. Maria Helena Occhi. Autoria e atribuições: A escultura na Bahia dos séculos XVIII e XIX. Separata da Revista Museu. IV Série, nº 7, 1988.

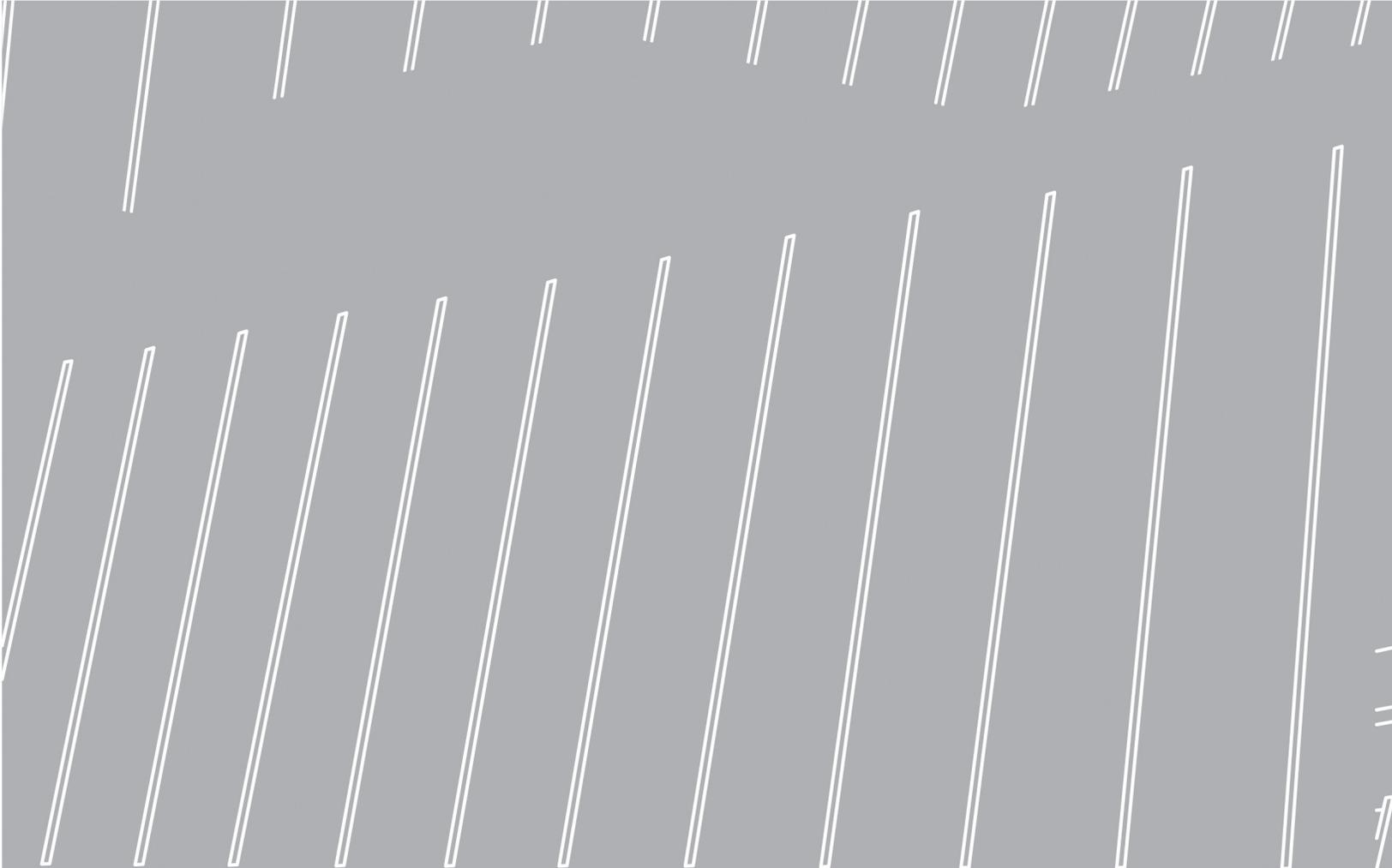
MAIA, Pedro Américo, S.J José de Anchieta. O Apóstolo do Brasil. São Paulo: Loyola, 2004.

NUNES, Verônica (Org.), Nossa Senhora do Socorro: Trajetória. Aracaju: UFS / NID; CEAV, 1994.

----- O painel do forro da Capela - mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O despertar do conhecimento na coluna azulada. DANTAS, Adriana Nogueira e SILVA, Elder Donizeti (orgs.). vol.II. São Cristóvão: UFS, 2009, p. 131 – 145.

SALA, Dalton. Ensaio sobre arte colonial luso-brasileira. São Paulo: Land, 2002.

TIRAPELI, Percival. Jesuítas: Arte e Ciência: o legado da Companhia de Jesus na Europa. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179765/1/Arte\\_Ciencia\\_Pt\\_I.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179765/1/Arte_Ciencia_Pt_I.pdf)



# BIBLIOTECA PÚBLICA EPIPHANIO DÓRIA

O MELHOR  
LUGAR  
DO MUNDO  
É AQUI  
E AGORA

**Maria Roseneide Santana\***

**E**m 28 outubro de 1974, o prédio mais moderno e estiloso de Aracaju foi entregue à sociedade sergipana. Trata-se da Biblioteca Pública Epiphânio Dória (BPED), inaugurada pelo próprio patrono e família. Na solenidade, os engenheiros da Norcon reportaram, ao Diário da Cidade, as divisões pensadas para o funcionamento efetivo do prédio: hemeroteca, circulante, salão de artes e audiovisual, documentação, setor técnico, anexo infantil... O historiador Pedrinho dos Santos, que esteve lá desde o pri-

meiro dia e trabalhou até quando faleceu em 2018, garantia que havia “guaiamuns leitores” nos idos dos anos 70. Tinha também certeza dos fantasmas frequentadores do espaço, mas somente os apaixonados por história, filosofia e literatura. Conversei com Sílvio Romero várias vezes, pois este nunca saiu de perto dos seus livros, que a família vendeu ao Estado em 1918. Assisti a algumas encenanças dos amigos Sílvio e Tobias Barreto, que nunca se conformou com as intromissões do lagartense nos seus poemas, principalmente quando ele deu para inserir dedicatórias nos que TB jamais dedicara. Muitas prosas com os irmãos Freire, Gumercindo Bessa, Au-

gusto Garcez, Sampaio, Alberto Carvalho, Núbia Marques, Gilberto Amado, Manoel de Almeida Filho, Joel Silveira, Mário Cabral... Recentemente, o caldo engrossou. Só nos últimos 5 anos: Santo Souza, Gizelda Moraes, Wagner Ribeiro, Antonio Carlos Viana, Hunald de Alencar e o espaçoso Araripe Coutinho. O negócio ficou tão bom que Seu Pedrinho escapuliu também, deixando de encher de pedras as nossas bolsas e de esconder um pé dos nossos sapatos. Nos primeiros dias de julho, o elegante e generoso jornalista João Oliva partiu e deve ter tido uma calorosa recepção no “andar de cima” da Biblioteca.

Foto: Mário Sousa/ASN

**BIBLIOTECA  
PÚBLICA ESTADUAL  
EPIPHANIO DÓRIA**



## BIBLIOTECA INFANTIL



O Governo do Estado, através da SEDUC-SE, reinaugurou a BPED (14/06) após um período de reforma. Houve mudanças muito positivas. O setor infantil, que era restrito ao anexo, antes nomeado Aglaé Fontes de Alencar, foi reincorporado à Epiphânio e ganhou mais um espaço, amplo e confortável, já que a antiga sala para contação de histórias não comportava mais de 25 alunos e o acervo também não cabia mais no pequeno prédio, com a separação das estantes exigida pelas normas técnicas de acessibilidade; a sala de Braille foi repaginada, os acervos de Gumerindo, Sílvio e Felisbelo Freire estão juntos em uma nova sala; a Galeria J. Inácio foi para o primeiro piso, onde há também o varandão para possíveis eventos e coquetéis; também no primeiro piso temos a Sala de Cultura Popular; o Patrimônio ocupou salas do anexo; o Conselho de Educação retornou com mais de 30 servidores, deixando de pagar aluguel. O Conselho de Cultura continua com sala de reunião e sala administrativa, há também sala de informática. Ainda tivemos o bônus do acervo pertencente ao saudoso Marcelo Déda, doado pelo Instituto criado pelo ex-governador para compor as nossas salas de exposição.

A melhor parte dessa história toda é que a inteligência de Sergipe continua fazendo da Epiphânio um lugar de passagem e de pesquisa. Todos os escritores daqui frequentam ou frequentaram a Biblioteca. Muitos fizeram aqui seus lançamentos. As rodas de leitura criadas por Antonio Carlos Viana e Gizelda Moraes levaram alunos e sociedade a conhecer, além da literatura contemporânea universal, mais de 50 escritores nascidos ou residentes em

## Monumento a Marcelo Déda

Sergipe. Somente nesses primeiros dias (de julho), vimos os escritores Vladimir de Souza Carvalho e Ana Medina pesquisando por aqui; passamos uma manhã ouvindo boquiabertos o Jackson da Silva Lima contar histórias: Carlos Burlamaqui preso, o hino sergipano de Cecília, a importância do 24 de outubro, o lançamento de *Textamento*, de Alberto Carvalho e, ainda, a revelação dele de que o “Navio Negroiro”, de Castro Alves, é o mais belo poema do mundo.

Desde o 14 de julho, a BPED começou a abrir aos domingos. Uma tentativa de incorporar ao momento de lazer um espaço muito agradável para a leitura. Na ocasião, a Roda de Leitura “Versos para Elas” homenageou mulheres negras: a sergipana Beatriz Nascimento, a mineira Lélia Gonzalez e a carioca Marielle Franco. A ocasião foi pensada por conta da Lei 12.987/2014, que instituiu o Dia de Tereza Benguela e da Mulher negra, no mês de julho.

Enfim, a Biblioteca Pública Epiphânio Dória está ainda melhor, mais acessível, mais confortável, com diversos projetos a serem desenvolvidos ou retomados para o permanente compromisso com o incentivo à leitura, inclusive para atender à novíssima Lei 13.696, de 12 de julho de 2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. **C**

**\*Coordenadora das Rodas de Leitura da BPED**  
**Professora Literatura Infanto-juvenil - UFS**  
**Servidora da UFS**



Foto: Mário Sousa/ASN

# A Formação

Carlos Pinna de Assis\*

*“Está Sergipe na altura de onze grãos e dois terços, por cuja barra com os batéis diante costumavam entrar os franceses com naus de mais de cem toneladas e vinham acabar de carregar da barra para fora, por ela não ter mais de três braças de baixa mar.”* (FREI VICENTE DO SALVADOR, História do Brasil, Ed. Senado Federal, Brasília – 2010, pg. 332).

## O Território:

Sergipe, este trato de terras de cinquenta léguas contadas da foz do Rio de São Francisco para o sul, fora largado a seu próprio destino pelos descobridores portugueses, até que, em 1575, aportaram na Praia do Saco do Rio Real, vindos da Bahia como missionários da Companhia de Jesus, o Padre Gaspar Lourenço e seu ajudante Irmão João Salônio, quando governava o Brasil Dom Luís de Brito de Almeida e reinava em Portugal o Rei Dom Sebastião.

Tem início aí a nossa saga, com a ida do Governador ao Rio Real, onde deu guerra aos caciques Surubi e Aperipê, como relata o Frei Vicente do Salvador na obra em epígrafe, às fls. 229, assinando o pequeno proveito da expedição,

que resultou sem vantagens para os moradores da Bahia que foram para além da costa mais de sessenta léguas sertão a dentro sem, todavia, firmar qualquer senhorio nos territórios palmilhados.

A Igreja do Brasil então era governada por Dom Antônio Barreiros, antigo Prior de Aviz, que viera suceder ao falecido bispo Dom Pedro Leitão. Ao novo Bispo, portanto, eram subordinados os missionários jesuítas conquistadores de Sergipe que a ele deviam obediência, sendo então os reais conquistadores da terra nova com sucesso e proveito que a expedição guerreira precedente não tivera, até porque firmaram assentamento na povoação de Santa Luzia, à margem do Rio Itanhí, até hoje existente como prova do bom sucesso da missão religiosa e civilizatória.

Mais de quarenta anos depois, a povoação e fortaleza de Sergipe d’el-Rei, ainda era “... cousa pequena, e só abundante de gado, que naquela parte se cria em grande cópia...”<sup>1</sup> embora tivesse passado pelas transformações decorrentes da guerra levada a efeito por Cristóvão de Barros em 1590, quando foi fundada a segunda povoação em território sergipano, São Cristóvão.

Distribuídas que foram as sesmarias

\* Da Academia Sergipana de Letras e da Academia Maruinense de Letras e Artes.

<sup>1</sup> AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO, “Diálogos das Grandezas do Brasil”, escritos de 1618, agora na Edição da Academia Brasileira, editada pelo Senado Federal, Brasília – 2010, pg. 76

# de Sergipe



aos soldados vencedores da guerra<sup>2</sup> e destacados um capitão e soldados para guarnecer o porto dos piratas que ali tinham aguadas e provisão, faz-se, afinal, a edificação da cidade com mais igrejas que casas, como se vê na Carta da Capitania que em 1635 é publicada pelo cartógrafo português ALBERNAZ<sup>3</sup>.

Veja-se, contudo, que a conquista nessa fase se processa como ação política do Reino de Espanha, na época da unificação ibérica, sob o reinado de Felipe II. Embora os portugueses preponderassem no grupo dos colonizadores, as mudanças físicas do cenário geográfico corresponderam a determinações das Cortes e do Reino espanhol, como reflete, aliás, a implantação urbana de São Cristóvão, com a “*plaza mayor*” que se pôs ao centro da cidade e agora é festejada como patrimônio da humanidade.

Por sobre os dados seguros dos fatos históricos, há no caso de Sergipe uma pequena, mas expressiva iconografia das peculiaridades da Capitania. Tal se expressa na “*Formação do Território Sergipano sob a ótica da Cartografia Histórica*”, elaborada por Fernanda dos

Santos Lopes Cruz e Paulo José de Oliveira.<sup>4</sup>

É, então, sobre fatos e acontecimentos ocorridos neste território que Saint-Adolphe (JRC Milliet de Saint-Adolphe, em “*Dicionário da Província de Sergipe*”, Ed. da UFS e Fundação Oviêdo Teixeira, Aracaju, 2001) discorre, descrevendo Sergipe como:

“*Pequena província marítima do Brasil, entre 10 graus e 30 minutos e 11 graus e 32 minutos de latitude, confrontando...*” (à página de nº 87 da publicação referida) pg. 87

## O povo:

Temos aqui a narração dos principais fatos ocorridos entre os séculos XVI e XIX, nos limites geográficos da Capitania e depois da Província de Sergipe, que tenham tido influência na configuração da cultura da gente sergipana e, até, na feição dessa mesma gente mesopotâmica que desenvolveu um método peculiar de conquistar a terra, cultivá-la e dela se valer para a sobrevivência e o progresso.

2. Ver em “*História de Sergipe*”, de FELISBELO FREIRE. 1575 A 1855, Ed. original da Tip. Perseveranza, Rio de Janeiro 1891, citada e reproduzida na Wikipédia, acesso em 07.03.2019.

3. “Povoação de São Cristóvão Capitania de Sirigipe” detalhe do Atlas de João Teixeira Albernaz, 1631.

4. Prática de Pesquisa em História, UFS – Fevereiro de 2015.

## BARÃO DE MAROIM

Sergipe paga neste momento dívida de honra contrahida para com aquele que em vida se chamou João Gomes Vieira de Melo e que hoje se chama Barão de Maroim, conde de São Paulo, da Capitania da República (Cesário S. Francisco Xavier) onde se encontra o túmulo de Maroim no cemitério de São Francisco, em Vila Nova, para repouso definitivo no exatíssimo termo de nascimento, onde nasceu e nobremente morreu e viveu.

A lei sob n.º 56 sancionada a 15 de dezembro de 1936, autoriza o governo a efetuar os dispêndios que se tornarem necessários com a traslado.

A iniciativa do deputado Alfredo Leite, aventando a ideia e defendendo-a com brilho no seio da Assembléa, é digna dos melhores elogios.



res encontros. Apoteose objetiva, reverenciando a memória de um grande vulto de Sergipe, reconhecido dentre os maiores do seu tempo, que também fez parte da Casa, em legislaturas velhas, no tempo do Império.

Em suma o gesto oficial em apreço cumpre com os méritos de quem foi tão proeminente varão do antigo Brasil.

Filho de agricultor, agricultor ele mesmo, João Gomes Vieira de Melo que nasceu em 15 de setembro de 1809, no Engenho Santa Barbara, de propriedade dos seus pais Teotônio Correa Dantas e Clara Angelica de Menezes, veio ao município de Rosário, e se casou com d. Maria de Faria Rollemberg Melo, de onde nasceu Barão de Maroim, fôra feitor de profissão abraçada, logrando realizar avultada fortuna, para seu meio e seu tempo. Dedicou-se em boa parte em obras beneficentes e suas, alheando-se de direito, e do seu tempo tempo que serve de paradigma à cidade de Maroim, erguido em 17 de março de 1932 dependendo em sua construção, para mais de cem contos de reis conforme avaliação da época.

Ingressando na politica da Província, iniciou brilhante estrada, na direção do Partido Conservador, ocupou todos os postos a que era passível um homem politico atilado.

Presidiu na politica da provincia de do Império, fôra deputado provincial, deputado geral, presidente da Provincia e por ultimo senador do Império, extinguindo-se-lhe o mandato com a proclamação da Republica.

Campeão da ideia da mudança da Capital de S. Cristóvão para Aracaju, fôra para sua consecução fator decisivo. E ele mesmo, pouco depois da inauguração, com o falecimento do presidente Inácio Joaquim Barbosa, fôra chamado a dirigir os destinos da Provincia, em 27 de Setembro de 1855, já de Aracaju.

Alindando-se ao fato de ter em mãos a politica de Sergipe, o desejo patológico de ver elevada tal transferência — já por ser a barra do *Cotacaba*, mais praticável a navegação que a do Vaza-Barris, já por oferecer sua faz abrigo seguro ás embarcações e ancoradouro amplo e profundo, já porque o comércio por aquella barra era o mais intenso da Provincia, foi com sua cooperação decidida que se deu aquelle passo, e, na sua gestão se constituíam a mudança.

Dão nos testemunhos do que afirmamos, as reuniões preliminares realizadas a respeito, em seu Engenho União de Orlós, as inúmeras petições que fez levantar na nova Capital e as notícias sobre o assunto inseridas em jornais da época (Correio Sergipeense).

Presidiu na agitada empresa o ministro Marquez de Paraná.

Quando por causa da sua escolha, em 1861, para fazer parte do Senado vitalício do Império, renunciou definitivamente para o Rio de Janeiro, onde residiu até 23 de Abril de 1860, data de sua morte.

Como o homem público que soube ser *sans peur* — foi igualmente o homem privado *sans reproche*. Tal é o conceito

## O sr. Governador visitará amanhã, em caráter oficial, a cidade de Capela

A inauguração das novas instalações elétricas da localidade

Duplo motivo tem amanhã a "Princesa dos Taboleiros" para regressar ao Estado — a inauguração das novas instalações de sua terra elétrica, e a visita em caráter oficial, de sua excelência o sr. Governador Eronides de Carvalho, que para lá usará o chão, acompanhado de brilhante comitiva.

Plano redado da União Republicana de Sergipe, onde se avaliam as lutas prestigiosas de A.IVALDO CAMPOS, seu presidente, e A.IVALDO CAMPOS, seu representante na Assembléa Legislativa, Capela amanhã festejará a inauguração do importante empreendimento, do seu zeloso prefeito, cuja fecunda administração não mede sacrifícios para bem servir os seus municípios, e a prova é essa reforma dos seus serviços de educação na qual vem de empregar cerca de... 50.000.000.

Ao mesmo tempo, sentir-se-á desvanecida pela visita honrosa do Chefe do Estado, s. excia. o sr. Governador Eronides de Carvalho, que escolheu para rever os seus lares e decididos correligionários ali residentes, uma data festiva, em que o povo cultuamente com o seu operoso edil pela condução de mais um utilíssimo empreendimento, como o que vimos de referir.

Podemos assegurar que as mais dedicadas personalidades do sítio sergipano estarão, amanhã, cercados pelas visitas do sr. Governador em visita à cidade de Capela, um dos collegios eleitorais de maior contribuição ao seu partido, e chegado pelas valorosas figuras do deputado Adroaldo Campos, antigo diretor, e do prefeito Aivaldo Barreto, que é ainda um dos mais adiantados industriais do Estado.

O sr. Governador aproveitará ainda o ensejo para falar ao povo capelense em torno dos problemas que mais de perto dizem respeito ás suas tarefas de Chefe de Estado e de partido.

Oportunamente, daremos vastas notícias sobre essa visita do sr. Governador a Capela que, por certo, lhe prepara excepcional manifestação de simpatia.

chegou ontem o avião de carreira trazendo para o nosso convívio este nosso local correlligionario e amigo.

Não obstante o inesperado da sua chegada, anunciada para o dia 10, foram inúmeros os seus amigos e admiradores que o abraçaram, no aeroporto e na Ponte.

Em nome de s. excia. o dr. Governador do Estado, cumprimentou o dr. Barreto Filho o seu assistente militar capitão Ulisses Andrade.

S. excia. o Senador Augusto Leite esteve presente, bem como o Prefeito da capital.

O "Estado", que já teve o prazer de apresentar boas vindas ao dr. Barreto Filho, renova os seus cumprimentos e deseja que seja longa e feliz a sua permanencia entre os seus conterraneos, que o estimam sinceramente.

Atacando os rebeldes

RIO, 14 — Dizem de Madrid que um batalhão legalista fez recuar atacando a cidade "Universitaria".

## M. de Carvalho Barbosa

ADVOGADO

PRACA OLÍMPIO CAMPOS, 20

que sua memória e a tradição exigem que de si se faça. Casado em duas núpcias, o foi pela segunda vez, com uma irmã do seu tempo, já da sua residencia na Corte.

Privava de intimidade do sr. D. Pedro II que o distinguia e aclamava. Viajou varias vezes á Europa.

Fôra cumulador de distincões e honrarias diversas, subrescindindo-se dentre elas o baronato com grandeza, com que o nobilitar, já em 1848, o governo imperial; a comenda da ordem de Cristo, com que o agraciou S. o Papa João ainda cavalleiro da ordem do Cruzeiro da Rosa e de S. Gregorio Magno, de Roma.

Um ligeiro traço, é esta a resenha biographica do saudoso compatriota que no passado regimem, ouvindo e amando a nossa extremidade glerca, se chamou, então, simplesmente — Barão de Maroim.

Eis a homenagem sincera desta folha á memória daquele cujos despojos preciosos o governo e o povo sergipano, em recente demonstração de civismo, receberam hoje condignamente, no túmulo do Inhamitá.

## Deputado Barreto Filho

O novo promotor publico de Vila Nova

Por decreto publicado ontem no Diário Oficial, foi nomeado para o cargo de promotor publico da cidade de Vila Nova, o doutor dr. Luiz Pereira de Melo.

Bem moço, tendo revelado pendor para as letras e para a judicatura, a escolha do seu nome para o aludido cargo da magistratura sergipana foi recebida com simpatia nesta capital.

Cumprimentando o digno conterraneo pela distincção que vem de-lhe ser conferida, desejamos-lhe felicidades na senda do direito.

## Aspirante Max José Ribeiro

Concluiu o curso militar na Escola de Guerra de Realengo, tendo recebido no dia 11 do corrente as insignias de aspirante do Exército Brasileiro, o distinto moço sr. Max José Ribeiro, filho do conceituado cidadão e alto comerciante nesta praça, est. Maximino José Ribeiro, chefe da importante firma Sabino Ribeiro & Cia.

Ao novo integrante do Exército Nacional, na arma de cavalaria o parabens do "O Estado de Sergipe", extensivo aos seus digníssimos genitores.

## O deputado Café Filho acusa o Ministro Agamenon Magalhães

RIO, 14 — O deputado Café Filho accusou, na Câmara, o Ministro Agamenon Magalhães de haver sido tolerancia com os extremistas, havendo protestos dos membros da maioria.

## Nazismo no Brasil?

RIO, 14 — Foi apresentado um requerimento aos Camaras, de autoria do sr. Café Filho, pedindo que o Presidente da Republica informe se sabe que há nazismo no Brasil, pois os matutinos publicam telegramas de Berlim dizendo que Hitler recebeu, em audiência, o chefe do nazismo no Brasil.

## A situação financeira capichaba

RIO, 14 — O Governador capichaba distribuía nota á imprensa sobre a situação financeira do seu Estado. Esta é excelente, pois o tesouro tem os seus compromissos em dia, ficando até o dia 31 satisfeitos os pagamentos das dividas do Estado com o Banco do Brasil.

## Ullimada a fusão do Tietê com o São Bento

S. PAULO, 14 — Os vespertinos informam que ficou ullimada, ontem o caso da fusão do Tietê, de S. Paulo, com o São Bento, com condições favoráveis para o primeiro desses clubes.

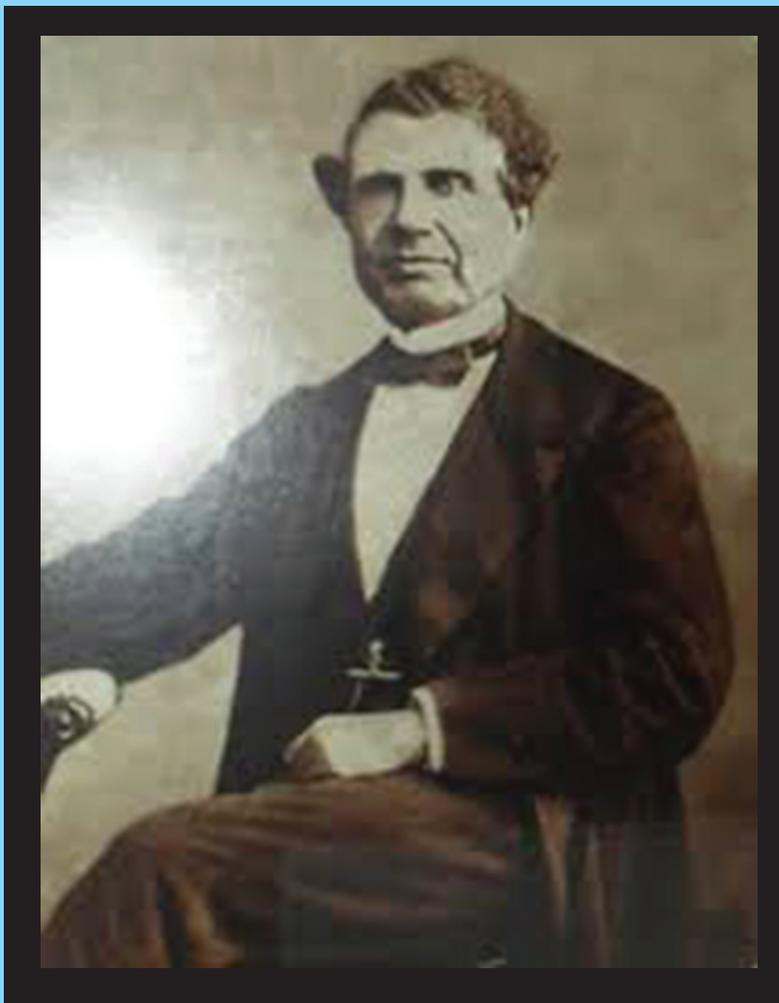
Da parte do São Bento assinou a ata da fusão o presidente do clube.

A primeira das idiossincrasias sergipanas decorre do fato de não termos conhecido donatários nos pouco mais de duzentos anos de Colônia<sup>5</sup>. Disso resultou um sentimento de autonomia não encontrado em outros lugares onde a estrutura da administração pública era mais visível no governo e na hierarquização de estamentos sociais, muito mais diluídos em terras de Sergipe, onde a prevalência da autoridade religiosa impôs-se e persistiu para dissindir dos exemplos próximos, de Pernambuco (depois desmultiplicado em Alagoas — 1817), ao Norte; e da Bahia, ao Sul, com os entreveros de desanexação de extensos territórios além do Rio Real.<sup>6</sup>

A segunda e ainda mais importante peculiaridade é a capacidade de integração dos povos originários, miscigenação índios, negros e brancos sem grandes conflitos e resultando em amálgama pacificador.

## O símbolo:

*"D'un homme dont chacun connoît le nom, on aimerait tout savoir. D'un homme qui, témoin et acteur, a été mê-*



*lé de prés a l'Histoire de son temps, on voudrait apprendre tout de ce qu'il en a vécu et compris".* (Franck Laurent, em Prefácio do livro “*Choses Vues*”, de VICTOR HUGO, Le Livre de Poche, Edição 04, março 2017, Paris, pg. 07).

É da sabedoria oriental mais antiga que as imagens e os exemplos valem mais que mil palavras.<sup>7</sup>

Eis, então, o caso de Maruim com o homem público que lhe adota o nome ao ascender ao baronato e que, mais que todos os seus contemporâneos, encarnou as características majoritárias dos sergipanos e elevou as virtudes de lealdade, honradez, trabalho e persistência, primeiro na vida civil e durante a maior parte da existência na atividade política

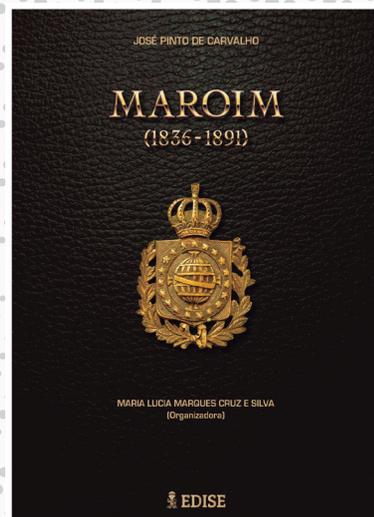
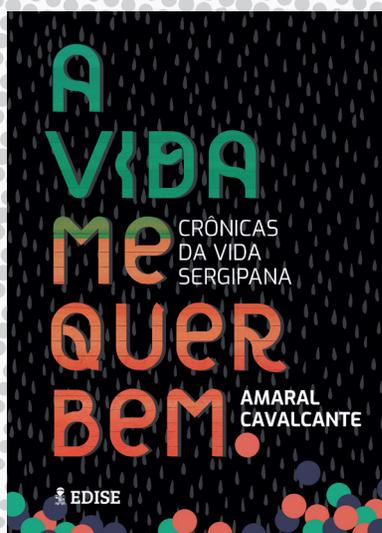
que tanto honrou, quando do exercício das mais elevadas representações de seu povo.

Com efeito, o Barão de Maruim<sup>8</sup> foi sempre um homem-símbolo para a vida econômica, política e social de Sergipe, realçando, inclusive na vida religiosa com a qual, mais que qualquer outro exerceu benemerência e recebeu homenagens. 



8 - João Gomes Vieira de Melo (1809/1889), Barão de Maruim, Grande do Império, Comendador de Ordens Civis e Eclesiásticas. Deputado Provincial, Deputado Geral, Senador do Império e Presidente da Província.

“A EDISE tem a grande  
satisfação em fazer  
parte dessas histórias”.



Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

Tenha nossos livros em sua casa.  
Compre pelo site: [www.segrase.se.gov.br/edise](http://www.segrase.se.gov.br/edise)